

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TOMÍRIS FORNER BARCELOS

A História da Menina-Morta: (Des)esperança de adolescentes em situação  
de precariedade social

São Paulo

2014

TOMÍRIS FORNER BARCELOS

A História da Menina-Morta: (Des)esperança de adolescentes em situação  
de precariedade social

(Versão Original)

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós Graduação  
*Strictu Senso* em Psicologia Clínica  
do Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo, como  
requisito para obtenção de título  
de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Livre Docente  
Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Barcelos, Tomiris Forner.

A história da menina-morta: (des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social / Tomiris Forner Barcelos; orientadora Tania Maria José Aiello Vaisberg. -- São Paulo, 2014.

130 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adolescência 2. Experiência emocional 3. Morte 4. Procedimento desenho-estória com tema 5. Favelas I. Título.

BF724

Nome: BARCELOS, Tomiris Forner

Título: A História da Menina-Morta: (Des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

Profa Livre Docente Tania Maria José Aiello Vaisberg (orientadora)

Instituição: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Julgamento: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Profa:

Instituição:

Julgamento: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

Profa:

Instituição:

Julgamento: \_\_\_\_\_ Ass: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Tânia Maria José Aiello Vaisberg, pelo seu jeito acolhedor e carinhoso, mas ao mesmo tempo exigente, com o qual me impulsiona sempre a buscar a meu melhor. Valorizo, também, o fato de nossa parceria significar a oportunidade de aprender continuamente, não só sobre Psicanálise, ciência e profissão, mas também sobre a vida.

À minha mãe, Sandra Cristina Forner Barcelos, por sempre cuidar de mim, sem nunca medir esforços, facilitando e apoiando a busca pelos meus próprios caminhos.

Ao meu pai, Magno Luciano Barcelos, que provavelmente desconhece aquilo que plantou quando, todas as noites, lia histórias que me deixavam curiosa sobre a vida e sobre os livros.

À minha irmã, Ingra S. Forner Barcelos, que com seu jeito tão diferente do meu, ensina-me muito sobre aceitação, paciência e amor.

À Daniele Lima, pelo apoio e companheirismo incondicional. Incentivando-me e acreditando em mim, torna cada momento difícil mais leve e esperançoso. Sua companhia torna minha vida repleta de amor e carinho.

À minha amiga e companheira de pesquisa, Miriam Tachibana, que é um grande exemplo de dedicação e amor ao conhecimento. Recebi seu apoio em momentos importantes, sempre de modo delicado e sensível.

Às colegas do grupo de pesquisa USP/CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade – Aline Vilarinho Montezi, Ana Maria Meyer,

Andrea Botelho, Clarissa Medeiros, Fabiana Folador, Fernanda Nocan, Gisela Furquim, Roberta Elias Mana e Walkiria Cia – por toda a ajuda e contribuição com meu trabalho e também pelos momentos de descontração e risadas, parte importante de nossas reuniões.

Aos examinadores da qualificação e da defesa, por disponibilizarem seu tempo e conhecimento e contribuírem de forma cautelosa e rigorosa com meu trabalho.

Aos adolescentes que gentilmente aceitaram participar desse estudo. Não seria possível vivenciar uma experiência com tanto significado e aprendizado sem essa participação.

À instituição que me cedeu o espaço para a pesquisa, sem a qual não poderia ter realizado esse trabalho.

À Secretaria de Pós-Graduação e a Secretaria do Departamento de Psicologia Clínica, pela disponibilidade com que sempre me atenderam, informando, orientando e esclarecendo minhas dúvidas.

À CAPES, que me concedeu apoio financeiro, permitindo minha dedicação integral a esse trabalho.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	i
<b>Abstract</b> .....	ii
<b>Apresentação</b> .....	1
<b>Capítulo 1: Dedilhando notas: os jovens nos dias de hoje</b> .....	10
1.1 <i>Adolescência e Morte</i> .....	10
1.2 <i>Adolescência e Psicologia Concreta</i> .....	16
1.3 <i>Algumas considerações sobre pesquisas empíricas</i> .....	20
<b>Capítulo 2: Compondo um percurso</b> .....	25
2.1 <i>Fundamentação teórica conceitual</i> .....	26
2.2 <i>Procedimentos Investigativos</i> .....	33
<b>Capítulo 3: Criando melodias</b> .....	43
3.1 <i>Narrativas transferenciais do acontecer cínico</i>	
- <i>O primeiro impacto</i> .....	44
- <i>Em busca de um lugar</i> .....	47
- <i>É preciso esforço</i> .....	51
- <i>Não tá fácil doninha</i> .....	55

3.2 Campos de Sentido Afetivo-Emocionais ou Inconscientes Relativos.....	72
---	----

<b>Capítulo 4: Cantos e contracantos: interlocução reflexiva sobre os campos de sentido afetivo-emocional .....</b>	<b>74</b>
---	-----------

<b>Capítulo 5: Consonâncias e Dissonâncias: Privação e (des)esperança à luz da perspectiva winnicottiana.....</b>	<b>97</b>
---	-----------

<b>Referencias.....</b>	<b>105</b>
-------------------------	------------

<b>ANEXOS .....</b>	<b>125</b>
---------------------	------------



BARCELOS, T. F. *A História da Menina-Morta: (Des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social*. 2014. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, 2014

## RESUMO

Visamos, ao realizar a presente pesquisa, investigar psicanaliticamente a experiência emocional de adolescentes que defrontam-se com situações de morte de coetâneos com os quais convivem proximamente. A partir de uma rede de contatos institucionais, derivados de pesquisas anteriores, realizadas nos últimos cinco anos, obtivemos informação acerca da ocorrência de um acidente que vitimou uma adolescente. Contatamos a organização não governamental, dedicada ao cuidado de adolescentes de favelas, em que a vítima frequentava atividades grupais. Organizamos a investigação distinguindo, metodologicamente, procedimentos investigativos de configuração, registro e interpretação do acontecer com os participantes e procedimento investigativo de interlocução reflexiva. Configuramos dois tipos diferentes para esses encontros: visitas institucionais e entrevista coletiva estruturada ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Elaboramos, posteriormente, narrativas transferenciais que, consideradas conjuntamente com os desenhos e histórias, permitiram a produção interpretativa de quatro campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos: "Quem será o próximo?", "Preso no acontecer", "Mais do mesmo" e "Por nossa conta e risco". Finalizando o trabalho, estabelecemos interlocuções reflexivas que nos levam a considerar que a experiência de morte de coetâneos tende a ser significada em sentido que reforça crenças na impossibilidade de futuro favorável e esperançoso. Tais crenças associam-se à percepção clara de sua inserção social desfavorecida em um país periférico do capitalismo globalizado. O quadro geral requer ações afirmativas, favorecendo a constituição de ambientes familiares e sociais que possam sustentar o amadurecimento pessoal segundo uma ética de respeito à vida humana.

## Palavras-Chave

Adolescência; Experiência emocional; Morte; Procedimento Desenho-Estória com Tema; Favela.

BARCELOS, T. F. *The History of the Dead-Girl: Hope(less) teens in a situation of precariousness*. 2014 Master's thesis. University of São Paulo, SP, 2014.

### **ABSTRACT**

We aim, in this research, investigate psychoanalytically the emotional experience of adolescents that, from pronounced social precariousness, faced with death situations of peers with whom they live closely. From a network of institutional contacts, derived from previous research conducted in the last five years, we obtained information about the occurrence of an accident that killed a teenager. We contacted the non-governmental organization dedicated to the care of adolescents in slums, where the victim attended group activities. We organized this research distinguishing methodologically investigative procedures of configuration, registration and interpretation of inter-human occur. We configure two different types of meeting participants: institutional visits and press conference structured around the use of Thematic Story-Drawing. Elaborated later transference narratives which considered together with drawings and stories, allowed the production of four comprehensive field of affective-emotional sense or unconscious relative: "Who will be the next", "Stuck in place", "More of the same" and "By our peril.". Finishing work, we established reflective dialogues that lead us to consider that the experience of death in adolescents tends to be meant as evidence that reinforces belief in the impossibility of favorable and hopeful future. The overall picture demand a vehement criticism of all psychological reductionism. Moreover, it requires affirmative action favoring the formation of family and social environments that can sustain personal growth according to an ethic of respect for human life.

### **Key-words**

Adolescence; Emotional experience; Death; Thematic Story-Drawing Procedure; Slum

## APRESENTAÇÃO

A condição de ser mortal não é exclusiva dos seres humanos, que a compartilham com animais e vegetais. No entanto, o que nos diferencia das outras espécies é o fato de sermos dotados de consciência sobre a finitude da vida. Evidentemente, o bebê, por ter que traçar um longo percurso para amadurecer e se tornar uma pessoa desde seu próprio ponto de vista (WINNICOTT, 1945; GREENBERG; MITCHELL, 1983), não tem este conhecimento, embora possa trazer em seu ser alguma forma de registro sensível sobre riscos à sua integridade. Winnicott (1968) indica isso quando aborda a questão das agonias impensáveis em que mergulham os bebês quando o ambiente se torna eventualmente invasivo durante o período da dependência absoluta, em que se mantém em estado fusional em relação à mãe.

Entretanto, chega um momento, como indicam estudiosos do desenvolvimento infantil, no qual se encontram criadas condições cognitivas e emocionais para o entendimento de conceitos importantes que subjazem à ideia da morte: irreversibilidade, funcionalidade e universalidade<sup>1</sup> (NUNES; CARRARO; JOU; SPERB, 1998; HOHENDORFF; MELLO, 2009). Pode-se considerar, portanto, que o ser humano, quando a vida transcorre de modo suficientemente bom, defronte-se com uma tarefa constante de conviver com duas informações que marcam de modo singular sua vida afetiva: a) o conhecimento de que, em algum ponto do

---

<sup>1</sup> Os autores dedicados a este tema definem a irreversibilidade como percepção da impossibilidade de restituição do estado anterior de vida. Entendem a não funcionalidade como o conhecimento de que as funções vitais interrompem-se quando um organismo morre. Finalmente, referem-se à universalidade para conotar tanto a compreensão de que todos os seres vivos morrem como a possibilidade de encarar a morte como fato natural da vida.

tempo, que lhe é desconhecido, está fadado a morrer e b) o conhecimento de que todas as pessoas, inclusive aquelas que lhe são muito caras, estão sujeitas a esta mesma condição.

Provavelmente, em ambientes suficientemente bons que, entre outros aspectos, excluem guerras, epidemias, catástrofes naturais ou miséria extrema, as crianças, mesmo quando já cognitivamente conscientes sobre a finitude, podem ser poupadas de preocupações sobre a própria morte ou sobre a das pessoas queridas. Nestes contextos, devem predominar concepções imaginativas, segundo as quais quem morre são os mais velhos, os mais fracos, os animais ou "outras pessoas"<sup>2</sup>.

Entre adolescentes, parecem predominar, possivelmente sob a vigência de situações sociais que designaríamos como suficientemente boas, fantasias defensivas segundo as quais finitude e juventude seriam condições que não se associam. Neste contexto emocional, surgiriam crenças sobre condições de invulnerabilidade, que, por sua vez, gerariam consequências preocupantes, cujo estudo se justificaria (KOVACS, 2005; HOHENDORFF; MELLO, 2009). Na idade adulta, em condições mais afortunadas, como diria Winnicott (1988/1990), chegamos a conceber a morte como algo possível de acontecer, organizando defesas que permitam a continuidade da vida cotidiana de um modo que, na sociedade contemporânea, parece colocar tal conhecimento entre parênteses, o que permite lidar com os assuntos da vida corrente como se fossem nossa única preocupação.

Aparentemente, defrontamo-nos com mudanças no modo como a morte é pensada e vivida à medida que aumenta o envelhecimento, próprio e dos

---

<sup>2</sup> O dramaturgo Naum Alves de Souza abordou esta questão artisticamente de modo muito sensível, em um trabalho intitulado "Um abraço, um beijo e um aperto de mão" (1986). Num enredo exageradamente pontuado por uma sucessão de mortes, mostra que a finitude só deixa de ser uma teoria, para as pessoas de classe média urbana, que levam uma vida relativamente preservada, quando atinge um membro da família nuclear. Sua visão parece-nos, por sem bem localizada em termos sociais e econômicos, acertada.

outros, emocionalmente significativos, com os quais nos relacionamos. São muito diversas as condições daqueles que se vêem solitários ou cercados por família e relacionamentos, em grandes centros urbanos, onde grassam relações impessoais, ou em comunidades de cidades e povoados menores. Entretanto, o que aqui queremos frisar é que não nos surpreende constatar um aumento da preocupação com a perda de entes queridos e com a própria morte, no campo do envelhecimento, como se pode constatar em pesquisas empíricas, como a de Manna (2013), que, abordando psicanaliticamente o imaginário coletivo de cuidadores de idosos, no contexto da saúde pública paulistana, percebeu claramente que a morte ocupa uma posição central nas preocupações dos cuidadores, dos idosos e de seus familiares.

Como psicólogos clínicos, nossa atenção se volta, compreensivelmente, para o fato do conhecimento cognitivo sobre a finitude pessoal gerar, no mundo em que vivemos, sentimentos de angústia profunda, com os quais as pessoas precisam aprender a lidar<sup>3</sup>. Constatamos, no cotidiano clínico, que a perspectiva da própria finitude muitas vezes se associa a angústias persecutórias. Analogamente, muitos estudiosos tendem a acreditar que a morte do outro conduz ao desenvolvimento de ansiedades depressivas (HOHENDORFF; MELLO, 2009). Na perspectiva winnicottiana, este quadro se apresenta um tanto mais complexo, uma vez que a capacidade de se deprimir é vista como conquista do amadurecimento emocional, motivo pelo qual a perda de um relacionamento pode se constituir como uma experiência persecutória, enquanto, sob este mesmo olhar, podemos perceber que a própria morte pode significar dor pela perda da convivência com os entes queridos, deixando de se centrar, de modo mais narcísico, na sobrevivência da individualidade pessoal.

---

<sup>3</sup> Temos notícias de sociedades nas quais parece possível e comum uma convivência menos sofrida com a perspectiva de finitude (DEVEREUX, 1967), mas não abordaremos esta questão, na medida em que exige conhecimentos antropológicos que ultrapassam nossa competência atual.

Quando, como pesquisadores psicólogos, voltamos nossa atenção para o estudo da morte na adolescência, em nosso país, deparamo-nos com um quadro que provoca inquietações. Os índices de mortalidade entre adolescentes são elevados. Além disso, constata-se uma tendência crescente de mortes por causas externas (VERMELHO; JORGE, 1996; MOREIRA; CRUZ NETO; SUCENA, 2003; BARROS; XIMENES; LIMA, 2001; KOVACS, 2005; MARTINS, 2013; WAISELFISZ, 2013). Observamos que o assunto vem sendo abordado pela literatura científica há mais de duas décadas, mas constatamos ter havido uma diminuição no número de pesquisas ao longo dos últimos dez anos. No entanto, nossa experiência indica que o fenômeno em si ainda persiste, talvez em taxas até mais elevadas, na medida em que as condições estruturais de precariedade social prosseguem<sup>4</sup>.

Chama nossa atenção a expressiva quantidade de mortes de adolescentes por causas externas, que estatísticas confiáveis apresentam (WAISELFISZ, 2012; MARTINS, 2013). Enquanto constatamos queda na mortalidade por causas naturais, provavelmente em função dos avanços das ciências da saúde, gerando conseqüente aumento da expectativa de vida, defrontamo-nos com aumento das mortes de adolescentes por causas externas, principalmente por homicídios, acidentes de trânsito e outros tipos de acidentes (VERMELHO; JORGE 1996; WAISELFISZ, 2013). É possível que esse quadro esteja associado a diversos fatores estruturais de nossa sociedade, derivados da organização capitalista de produção, tal como se instala em países periféricos, que, como sabemos, associa-se à expansão exacerbada das cidades e outras transformações que contribuem para a reprodução e acentuação de desigualdades socioeconômicas.

---

<sup>4</sup> Sabemos que circula hoje, com muita ênfase, um discurso, de caráter oficial, acerca da diminuição dos índices de pobreza absoluta no Brasil. Este fato vem sendo debatido por especialistas (SCALON; SALATA, 2012). Não nos pronunciaremos sobre tal questão, limitando-nos a lembrar que, se houve diminuição relativa da pobreza, ainda é pronunciada, em termos absolutos, a precariedade em que vive a maior parte da população brasileira.

A morte de adolescentes por causas externas é um problema humano complexo e multifacetado. Adquire, certamente, contornos singulares, quando ocorre em contextos de precariedade social. De nossa parte, optamos por dedicar nossa atenção, na presente pesquisa, a um conjunto de aspectos psicológicos que não envolvem primária e diretamente a vítima do óbito, e sim o grupo de adolescentes com os quais convivia, em virtude das ressonâncias afetivo-emocionais que vem a sofrer. A nosso ver, adolescentes que vivem o trauma da morte de coetâneos, com os quais convivem, justificam nosso interesse para realização de estudos como o presente, que possam trazer subsídios para uma visão mais nítida sobre o problema e sobre suas eventuais soluções – que certamente transcendem a mera atenção psicológica individual. Motivam, assim, iniciativas investigativas de pesquisadores como nós, que têm se dedicado fundamentalmente ao estudo do sofrimento adolescente<sup>5</sup>.

Tal interesse, é importante frisar, não deriva de um envolvimento primário com o estudo científico da morte, enquanto evento psicossocial, tendo surgido a partir dos contatos que temos mantido com adolescentes em nossas pesquisas. Atendemos, assim, um chamamento, gerado pelas condições de vida daqueles que temos pesquisado, que sobre nós se impôs, e aí prosseguimos em virtude do nosso posicionamento epistemológico, alinhado com as exigências da psicanálise concreta (BLEGER, 1958;1963; POLITZER, 1928).

---

<sup>5</sup> Vimos produzindo, há algum tempo, conhecimento acerca do imaginário coletivo de adolescentes sobre eles mesmos, bem como do imaginário coletivo de professores e outros profissionais ligados diretamente aos jovens, sobre o adolescente dos dias de hoje (CABREIRA, PONTES, TACHIBANA e AIELLO VAISBERG, 2007; BUSNARDO, PONTES, TACHIBANA, AIELLO VAISBERG, 2008; BARCELOS, PONTES, TACHIBANA e AIELLO VAISBERG, 2008; BARCELOS, BUSNARDO, TACHIBANA; AIELLO VAISBERG, 2009; BARCELOS, BUSNARDO, MONTEZI, TACHIBANA, AIELLO VAISBERG, 2009; PONTES, BARCELOS, TACHIBANA e AIELLO VAISBERG, 2009; PONTES, BARCELOS, TACHIBANA e AIELLO VAISBERG, 2010; PONTES, 2011; MONTEZI, BARCELOS, AMBROSIO, AIELLO VAISBERG, 2013; BOTELHO-BORGES, BARCELOS, AIELLO VAISBERG, 2013)

À primeira vista, pode-se pensar nas dificuldades práticas, em termos de pesquisa, em entrar em contato com situações de morte por causa externa, quando não trabalhamos diretamente em áreas da vida social em que a violência atinge formas muito abertas de expressão, tais como aquelas em que se expressam diversas formas de criminalidade ou de deterioração radical do cotidiano, como, por exemplo, aquelas abordadas por Zini (2013), quando estudou moradores de rua extremamente desamparados, envolvidos com questões de violência e uso de drogas. Entretanto, chegar a situações de morte de adolescentes por causas externas revelou-se, infelizmente, mais fácil do que desejaríamos. Assim, mantendo contatos com instituições voltadas para o cuidado de adolescentes, que derivam das pesquisas que temos realizado, em uma cidade do interior paulista, pudemos ser informadas sobre ocorrência de um caso de atropelamento de uma adolescente que frequentava uma organização não governamental que já conhecíamos. Pudemos, a partir daí, tomar as providências práticas que nos permitiram abordar o grupo com o qual a vítima convivia, para produzir o material clínico de nossa pesquisa.

Talvez seja interessante esclarecer que, dadas as exigências institucionais de prazo para realização do mestrado, preparamo-nos para nos colocar em campo munidas de duas diferentes propostas. A primeira, que mais nos interessava, corresponde ao que efetivamente pudemos realizar. Havia, contudo, uma segunda opção, que seguia um desenho metodológico articulado ao redor do uso de narrativas interativas (GRANATO; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; COBERT; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; AIELLO-VAISBERG, 2013;). As narrativas interativas, que foram desenvolvidas como recurso mediador dialógico, permitiriam a abordagem de adolescentes de favela, vale dizer, que vivem em situação de precariedade social, em uma entrevista coletiva, que se organizaria transicionalmente, através do uso de narrativas ficcionais incompletas.



Essas versariam sobre situações de proximidade da morte por causas externas, para solicitar que os participantes imaginassem um final.

Este desenho de pesquisa nos parece interessante e será colocado em prática em futuro próximo. Contudo, evidentemente, preferimos concentrar nossa atenção numa situação concreta, que nos permitiu abordar as ressonâncias afetivo-emocionais do ocorrido sobre a experiência dos adolescentes, inclusive porque nos deparamos com comunicações emocionais muito expressivas e reveladoras.

Assim, a partir da aceitação da proposta, decidimos fazer algumas visitas institucionais à organização não governamental frequentada pela adolescente vítima do atropelamento, tendo em vista travar conhecimento com os jovens e profissionais que lá desenvolvem atividades. Nosso objetivo era tanto nos familiarizarmos com as pessoas como nos tornarmos figuras lá conhecidas. Foram realizadas três visitas, durante as quais participamos de atividades grupais, bem como de conversas informais com adolescentes e profissionais. Estas visitas foram registradas sob a forma de narrativas transferenciais, procedimento que temos utilizado com grande frequência em nossos trabalhos<sup>6</sup> (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; AYOUCHE; CARON; BEAUNE, 2009; GRANATO; CORBET e AIELLO-VAISBERG, 2011).

No quarto encontro, realizamos a entrevista coletiva propriamente dita, resultando em mais uma narrativa e em desenhos e estórias elaborados pelos jovens. Desenvolvemos esta dissertação a partir do material clínico assim obtido, tal como apresentamos a seguir.

---

<sup>6</sup> Referimo-nos aqui à produção dos grupos de pesquisa liderados pela orientadora Tania Maria José Aiello Vaisberg: Investigações em Psicanálise (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo) e Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção (Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

O trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro deles, **Dedilhando notas: os jovens nos dias de hoje**, está dividido em três seções. Na primeira, articulamos algumas reflexões teóricas sobre a vivência de morte por adolescentes. Na segunda, apresentamos a perspectiva que temos utilizado em nossos estudos acerca da adolescência. Na última sessão, discorreremos brevemente sobre pesquisas empíricas ligadas a temáticas próximas às estudadas aqui.

No capítulo dois, **Compondo um Percurso**, apresentamos o caminho metodológico que embasa nossa pesquisa, dividido em duas partes. Na primeira, fazemos uma apresentação teórico-conceitual dos pressupostos de que partimos numa pesquisa empírica com o método psicanalítico que se inspira na perspectiva concreta de Bleger e Politzer. Na segunda, apresentamos os procedimentos investigativos utilizados, distinguindo procedimentos de produção do acontecer inter-humano, procedimentos de registro do acontecer inter-humano, procedimento de interpretação do acontecer inter-humano e procedimento de interlocução reflexiva.

O terceiro capítulo, **Criando melodias**, organiza-se em duas partes diferentes. Na primeira, apresentamos as quatro narrativas transferenciais, elaboradas após cada encontro na ONG, sendo as três primeiras referentes às visitas, durante as quais realizamos uma ambientação inicial, e a quarta relativa à entrevista coletiva propriamente dita. Esta quarta narrativa inclui os desenhos e as histórias elaboradas pelos jovens. Na segunda parte, são apresentados os quatro campos de sentido-afetivo emocional, ou inconscientes relativos, que produzimos interpretativamente: **Quem será o próximo?, Aprisionado no acontecer, Mais do mesmo e Por nossa conta e risco.**

O quarto capítulo, **Cantos e contracantos: interlocução reflexiva sobre os campos de sentido afetivo-emocional**, compõe-se a partir

de reflexões e interlocuções teóricas, suscitadas a partir dos campos selecionados.

No quinto e último capítulo, **Consonâncias e dissonâncias: privação e (des)esperança à luz da perspectiva winnicottiana**, tecemos algumas conclusões gerais, onde comentamos os achados dessa pesquisa.

## **CAPÍTULO I**

### **DEDILHANDO NOTAS: OS JOVENS NOS DIAS DE HOJE**

#### **1.1. Adolescência e morte**

Consideramos absolutamente relevante a abordagem científica da questão da mortalidade na adolescência, uma vez que os índices de morte entre adolescentes por causas externas, como acidentes, homicídios e violência, são bastante elevados, superando, no Brasil, as mortes por outros fatores, como doenças (MARTINS, 2013; KOVACS, 2005).

Parece-nos importante ressaltar, neste momento, uma vez que esta é uma pesquisa psicanalítica, que nossa abordagem difere daquela mais frequente em textos psicanalíticos. Em psicanálise, é comum encontrarmos os termos adolescência e morte associados segundo uma

visão da morte que tende a ser um tanto abstrata, metafórica e até poética. Os trabalhos de Aberastury e Knobel (1970/1981), certamente referências respeitáveis que muito contribuíram para o avanço do conhecimento, exemplificam bem o ponto que queremos aqui focalizar. Versando sobre a adolescência normal, tais autores forjam uma teoria nucleada ao redor da ideia de enfrentamento de algumas mortes, dentre as quais ressaltam a morte do corpo infantil e a morte dos pais da infância.

A partir dessa perspectiva, mudanças corporais, como o crescimento dos pelos e o desenvolvimento dos seios, são metaforicamente referidas como a morte da menina para o nascimento da mulher. Ou seja, seria preciso abandonar a imagem de um corpo em detrimento de outro, levando o adolescente a se confrontar com o que alguns refeririam com expressões a nosso ver extremadas e pouco precisas, tais como “perda do ser” (DIAS, 2000). Evidentemente, este tipo de teoria está ligado a uma psicanálise voltada para certa modalidade de compreensão do mundo interno que pouco valoriza a realidade ambiental. Adotamos outro ponto de vista, que nos exige ligar os termos morte e adolescência de outro modo, conforme o entendimento teórico conhecido como psicologia concreta (BLEGER, 1963; POLITZER, 1928). Não negamos, evidentemente, que se possam usar figuras literárias para bem descrever sentimentos e experiências humanas, longe disso. Contudo, nosso fundamento é o absoluto respeito às condições concretas do viver humano, que, no que tange à nossa questão de pesquisa, interroga-nos sobre as repercussões, na experiência emocional de adolescentes, especificamente daqueles que vivem em condições de precariedade social, acerca da morte concreta de coetâneos com os quais convivem proximamente.

Pudemos nos beneficiar, para a escrita deste capítulo, de um valioso trabalho de revisão sistemática da literatura, no qual Martins (2013) elucida os principais fatores associados a mortes de adolescentes por

fatores externos, tais como: fatores socioeconômicos, estrutura familiar, ambiente doméstico, etnia da vítima, uso de bebidas alcoólicas e substâncias químicas, entre outros. Percebemos, assim, que as condições de precariedade social parecem aumentar a chance de morte entre adolescentes. Acreditamos que estejam ligadas a essa constatação as dificuldades de subsistência, tais como baixa renda, dificuldade em ter algum responsável para cuidar dos filhos, que muitas vezes ficam sozinhos ou sob cuidado de irmãos mais velhos, a baixa escolaridade, e a violência à qual estão expostos, bem como fatores ambientais desfavoráveis - ruas sem asfalto, falta de saneamento básico ou condições habitacionais precárias.

Sabemos, evidentemente, que jovens de classes mais favorecidas também podem vivenciar situações adversas, tendo que lidar com a morte, tal como os adolescentes de classes mais baixas (CAMPS, 2009). No entanto, lembramos que, nesse trabalho, vamos nos ater à situação dos jovens de classes menos favorecidas.

Temos uma impressão, fundada em nossas pesquisas anteriores e na clínica institucional de atendimento a adolescentes, que muitos daqueles que vivem em condições de precariedade social têm, na morte de um coetâneo, sua primeira experiência de perda de uma pessoa próxima. Evidentemente, este tipo de situação provavelmente gera reflexos importantes sobre a experiência emocional daqueles que estão vivenciando pressões sociais relativas à entrada na vida adulta. Além disso, alguns tipos de perdas causadas por homicídio, suicídio ou pela AIDS, podem vir carregados de preconceitos e estigmas, dificultando o processo de luto e elaboração pelos adolescentes, que muitas vezes não têm com quem compartilhar a experiência vivida (KÓVACS, 2012).

O aumento da mortalidade de adolescentes por causas externas é um importante sintoma de problemáticas sociais mais profundas, que afetam

as futuras gerações, em termos de sua vida concreta e do que Winnicott (1987) denominou "alicerces da saúde mental". A transformação desta situação demanda mudanças políticas estruturais, que devem ser exigidas e buscadas pela sociedade civil. Por outro lado, há que levar em conta o cuidado a todos que são, na atualidade<sup>7</sup>, vítimas desta situação, buscando a constituição de espaços sociais, escolares e culturais, que possam ser vividos como ambientes sociais capazes de favorecer processos de amadurecimento pessoal.

Em sociedades que valorizassem mais a vida humana, observaríamos, provavelmente, dois tipos de mudanças: a diminuição da mortalidade de adolescentes e a possibilidade de lidar de modo mais cuidadoso com jovens que vivenciam a perda de coetâneos. Evidentemente, o papel das famílias, dos educadores e da comunidade seria fundamental, valendo lembrar que, em virtude das óbvias angústias que este tema desperta, o preparo dos adultos teria caráter indispensável. Em sociedades mais igualitárias, provavelmente espaços sociais, como a escola, seriam melhor aproveitados no sentido de preparar os alunos para o enfrentamento da morte (DOMINGOS, 2003; KÓVACS, 2012).

É evidente a necessidade de estudos científicos sobre a temática morte, para que possamos conhecer as dificuldades que esta traz. Novos saberes poderão contribuir para o encontro de soluções construtivas. Deles podem derivar subsídios para um melhor preparo de profissionais que lidam de forma mais direta com situações de morte, amparando-os em suas angústias para que, conseqüentemente, consigam oferecer acolhimento e apoio àqueles que estarão sob seus cuidados.

Mesmo que pareça óbvia a necessidade de preparo dos profissionais que lidam com a morte, o fato é que raramente esta questão recebe a atenção

---

<sup>7</sup> Ou seja, há que lembrar que transformações sociais se dão em tempos longos e que enquanto não se instalarem, as vítimas atuais devem receber o máximo de cuidado.

devida. Em estudo com alunos de psicologia, pesquisadores observaram que em nenhum momento do processo formativo foi realizado trabalho que focalizasse questões relativas à morte (JUNQUEIRA; KOVACS, 2008). Podemos entender que se trata de uma importante falha curricular, pois os profissionais psicólogos irão lidar, certamente, com diversas questões ligadas à finitude individual.

Outro estudo que merece ser citado foi realizado com alunos do primeiro ano de enfermagem (BRETAS, 2006). Neste se constatou que todo o conhecimento sobre a morte advinha de experiências pessoais, mas não tinha sido devidamente considerado no processo de formação acadêmica. É interessante notar que esses futuros profissionais, no entanto, parecem ter consciência, desde o começo do curso, de que irão lidar inevitavelmente com mortes, perspectiva que, talvez, os estudantes de psicologia demorem mais a desenvolver.

Em trabalho bastante interessante, que vem gerando produções significativas sobre a temática, adolescentes de diferentes classes sociais foram convidados a assistir a um vídeo - "Falando de morte com adolescentes". Trata-se de parte de um projeto mais amplo, intitulado "Falando de Morte" (KÓVACS, ESSLINGER, VAICIUNAS, BROMBERG e MARQUES, 2003), que abordava, no caso do vídeo para adolescentes, questões sobre sexo, comportamentos autodestrutivos, uso de drogas, perda de irmãos e colegas, entre outras. Após a exposição ao vídeo, os pesquisadores abriram um espaço de reflexão com os jovens, objetivando compreender sua visão sobre a morte, a fim de verificar se percebem a alta taxa de mortalidade em sua faixa etária e/ou se têm hipóteses para explicá-la.

A partir deste trabalho, foi possível verificar a importância, para os jovens, desse espaço de reflexão, uma vez que conseguiram expressar seus sentimentos, falar sobre o medo que sentem de perder pessoas próximas

e de não conseguirem lidar com isso, sobre o medo de sofrerem algum tipo de acidente e se tornarem dependentes, sobre a dificuldade de perder um colega e pensar que ele não irá vivenciar muitas coisas por ter a vida interrompida, entre outros. Um ponto que nos chamou a atenção foi a dificuldade de reconhecerem a possibilidade da própria morte durante a adolescência. A nosso ver, este fenômeno deriva da ação exitosa de condutas defensivas<sup>8</sup> que se fizeram saudavelmente presentes durante as interações que tiveram lugar no espaço de reflexão.

Também pensamos de extrema importância o fato dos próprios adolescentes identificarem algumas causas que poderiam estar associadas ao aumento da mortalidade, como o uso e abuso de drogas, a violência entre eles, a banalização da morte e a falta de perspectiva de trabalho e futuro, por exemplo (RODRIGUES; KÓVACS, 2005). Estas comunicações parecem fundamentais e nos convidam a considerar que os próprios jovens têm certa percepção e sensibilidade em relação às suas necessidades de cuidado e amparo.

Acreditamos que é valiosa a preocupação de muitos autores com a produção de conhecimentos que tragam subsídios que orientem a criação de dispositivos de provisão de apoio e sustentação para os jovens a partir dos sofrimentos que determinadas situações, como a perda de um colega, podem acarretar. A criação de espaços para vivências, experiências, conversas e reflexões, que podem ser manejados a partir de diferentes referenciais teóricos, pode se revelar decisiva no favorecimento do desenvolvimento pessoal e emocional.

## **1.2 Adolescência e Psicologia Concreta**

---

<sup>8</sup> Na perspectiva da psicologia concreta, não cabe falar em mecanismos, na medida em que as defesas são atos humanos, vale dizer, condutas, na acepção blegeriana do termo (BLEGER, 1963).



Em nossas pesquisas, temos adotado uma perspectiva crítica em relação a posicionamentos que desconsideram a complexidade inerente ao fenômeno de produção social da adolescência. Assim, preferimos partir do pressuposto de que o ser humano não pode ser entendido como pessoa quando não levamos em conta as condições concretas de sua vida (BLEGER, 1958;1963). Deste modo, em nossa busca de compreensão acerca da experiência emocional de jovens, consideramos fundamental a realização de estudos que favoreçam sua comunicação emocional, abordando-os como pessoas a partir de uma perspectiva eminentemente compreensiva, que corresponde à visão do fenômeno humano da conduta em termos da dramática do viver, em termos de biografia emocionalmente significativa (POLITZER, 1928).

Partimos do pressuposto de que existem diferentes modos de realizar a passagem desde a infância até a condição adulta e que esses se produzem social, histórica e culturalmente (CAMPS, 2003; BARUS-MICHEL, 2005; SALLES, 2005; BARRETO, 2006; RESENDE, 2006; PRATTA; SANTOS, 2007; TARDIVO, 2007; BRETAS, 2010; PONTES, 2011). O fenômeno da adolescência é, na nossa perspectiva, uma criação cultural da sociedade ocidental, uma dentre inúmeras formas culturalmente possíveis de se lidar com o fato de que um longo processo de amadurecimento orgânico precede a chegada do indivíduo à condição de ser biológica e socialmente adulto. Vale lembrar que há sociedades em que a noção de adolescência inexistente. Em determinadas culturas, a vida humana é concebida em termos de quatro fases, que seria a do bebê, a da criança, a do adulto e a do velho, bem como em tantas outras culturas, a entrada na vida adulta é marcada por rituais de passagem (BOCK, 2004; TARDIVO, 2007).

É, pois, levando em conta o contexto social contemporâneo, definido por uma série de características, que combinam dominação e exploração de grupos, gerando profundas desigualdades, com avanços tecnológicos

notáveis (ARÓS; AIELLO-VAISBERG, 2009; CAMPS 2009), que realizamos a presente investigação. Em termos ainda mais concretos, não deixamos de considerar as específicas condições do Brasil contemporâneo, no qual expressivas parcelas da população jovem vivem em condições de precariedade social, fato que está na base da necessidade de criação de uma legislação protetora, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), um instrumento jurídico que explicita o reconhecimento, por parte do Estado, da necessidade de amparo social específico a crianças e adolescentes.

A noção de proteção integral à criança e ao adolescente tem sido interpretada, atualmente, em nosso país, de diferentes formas que geram iniciativas variadas, através de oferecimento em ONGs de atividades organizadas de tipo cultural, esportivo ou profissionalizante. Tais iniciativas são, via de regra, voluntariamente sustentadas por indivíduos e grupos que se propõem a articular seus conhecimentos e habilidades específicas com o desejo de auxiliar vítimas de precariedade social. Assim, encontramos músicos, artistas plásticos, esportistas, bailarinos, cabeleireiros e muitos outros engajados em programas que atraem e beneficiam jovens. Essas atividades parecem gerar efeitos altamente positivos, mas merecem ser problematizadas na medida em que têm um caráter instável, baseado no trabalho voluntário e no fato de serem organizadas a partir de interesses espontâneos dos proponentes, sem necessariamente levar em conta as reais necessidades dos beneficiários. Os voluntários são sempre bem-vindos para oferecer aulas variadas, de música, artes plásticas ou teatro, atividades esportivas, profissionalização para trabalho em salão de beleza ou oficina mecânica e muitas outras. Não negamos que tais programações sejam francamente benéficas por muitas razões, dentre as quais é evidente o fato de se contraporem ao ócio puro e simples. Entretanto, tais propostas, não sendo assumidas consequentemente como políticas públicas, não se estruturam a partir de

necessidades e interesses dos jovens e sofrem frequentes descontinuidades.

Além disso, é importante chamarmos a atenção para o fato de que as ONGs usualmente guiam suas práticas por “palavras-chaves” que as ajudam na obtenção de financiamentos, o que de forma alguma consideramos completamente negativo. Uma dessas palavras é vulnerabilidade, usada principalmente quando se fala sobre jovens de camadas sociais desfavorecidas. O que nos parece importante aqui destacar é o risco de uma palavra-chave como essa vir a estigmatizar o jovem, quando o que se busca é o desenvolvimento de práticas de cuidado e atenção necessários. Encontra-se, então, um paradoxo perigoso: se por um lado a questão da vulnerabilidade da juventude concorre para a obtenção de financiamentos de programas, por outro pode passar uma crença de que os adolescentes tendem a se comportar de modo predominantemente negativo, sem condições de lidar com suas dificuldades, como grupo quase fadado à delinquência (MALVASI, 2008).

Sabemos que o cuidado com jovens que vivem em favelas tem gerado pesquisas e artigos (COSTA; BIGRAS, 2007; MALVASI, 2008; SOUZA, MENANDRO, BERTOLLO; ROLKE, 2009). Alguns desses trabalhos têm como objetivo a quantificação de determinado fenômeno, como, por exemplo, a incidência e controle do tabagismo em jovens (VITÓRIA; SILVA; VRIES, 2011). Daí resultam informações interessantes, que permitem a identificação de problemas, gerando dados cuja consideração viabiliza planejamento e dimensionamento de programas. Outro tipo de pesquisas focaliza projetos interventivos implantados em comunidades (OLIVEIRA; SALDANHA, 2010; BERKEL, MAURICIO; SCHOENFELDER, 2011), voltando-se principalmente ao exame de mudanças comportamentais e ao treino de habilidades sociais. Consideramos tais trabalhos certamente importantes no contexto das perspectivas epistemológicas e metodológicas em que se inserem. Entretanto, devem,

a nosso ver, ser complementados por pesquisas qualitativas, a partir das quais conhecimentos relativos ao detalhamento de novas práticas possam vir a ser idealizados.

No presente trabalho, propomos focalizar um tipo de indagação que se centra no interesse pela experiência emocional do adolescente. Nosso intuito é produzir conhecimento que contribua para a configuração de espaços de atenção e cuidado psicológico, espaços esses que favoreçam o desenvolvimento emocional dos jovens, buscando trabalhar questões e sentimentos na medida em que esses apareçam. Trata-se, neste sentido, de um enfoque clínico-psicológico, numa linha psicoprofilática (BLEGER, 1966), que se pauta em uma atitude de espera e escuta das necessidades emocionais emergentes. Consideramos necessário permitir que os adolescentes entrem em contato com suas angústias, dúvidas e medos, bem como com suas potencialidades, sob o olhar acolhedor de profissionais engajados e preparados para auxiliá-los nessa proposta.

Para tanto, apresentamos, a seguir, uma reflexão ampliada acerca do que tem sido dito, no meio científico, a respeito dos adolescentes em situação de risco. Trazemos esses dados como forma de clarificar ao leitor o ponto de partida que suscitou nossas indagações, bem como para facilitar a visualização do cenário no qual os jovens que abordamos estão inseridos.

### **1.3 Algumas considerações sobre pesquisas empíricas**

A literatura científica nacional dedicada ao estudo da adolescência apresenta uma interessante tendência ao separar os jovens em grupos nos quais a condição etária figura, quase sempre, como fator de risco. Essa configuração fica evidente em artigos que apontam problemas com drogas e álcool, tais como em Cirino e Alberto (2009), Nunes e Andrade

(2009), Guillén e Nascimento (2010), Esus, et al (2011), Santos e Pratta (2012); naqueles que abordam a problemática da gestação precoce, tais como Mainarte, Godoy e Bonadio (2005), Cerqueira-Santos et al (2010), Guanabes, Gomes, Matos e Reis (2012); ou naqueles que focalizam tentativas de suicídio e condutas de risco entre adolescentes, tais como Ficher e Vansan (2008), Florenzanou, et al, (2010), dentre outros. Muitos desses estudos adotam uma perspectiva preventiva, inegavelmente louvável. Entretanto, apresentam o risco de gerar, como subproduto discutível, uma tendência a simplesmente contribuir para o fortalecimento de uma visão patologizante dessa fase da vida.

Não consideramos, de modo algum, que a solução contra a patologização relativa à adolescência seja a de diminuir a produção de artigos, que são valiosos e úteis. Criticamos, contudo, a falta de outro tipo de investigação, que compete às diversas ciências humanas, que possam contribuir para a produção de saberes que nos aproximem das condições concretas da vida adolescente por caminhos que não sejam exclusivamente biomédicos. A nosso ver, a psicologia, bem como outras disciplinas humanas, podem fazer contribuições significativas, mantendo sua perspectiva específica (BLEGER, 1963).

Evidentemente, sentimos necessidade de buscar compreensão acerca dos fenômenos sociais que envolvam os adolescentes de nosso país, uma vez que conhecemos sua condição de vítimas de violências diversas, de preconceitos e de estigmas. Por outro lado, não desconsideramos que muitas vezes o papel se inverte e esses mesmos jovens são os violentadores, estimuladores de preconceitos entre seu próprio grupo e perante a sociedade (TARDIVO, 2007). O fato não deve causar espanto, já que o campo social configurado segundo desigualdade, dominação, exploração e violência gera vítimas e agressores.

De modo geral, percebemos que o estudo científico da adolescência é multifacetado, possibilitando encontrarmos artigos científicos sobre gravidez na adolescência, por exemplo, escrito por médicos, enfermeiros, psicólogos e agentes de saúde pública. Essa realidade tende a ser positiva, na medida em que mostra que um fenômeno humano, no caso a gravidez na adolescência, está sendo estudado por vertentes científicas diferentes, tal como propõe Bleger (1963). No entanto, essa mesma realidade pode ser negativa na medida em que os estudos relativos à experiência emocional dos fenômenos associados à adolescência podem entrar numa lógica mais biológica ou positivista, tal como contestam algumas vezes (HEIN; ANDRADE, 2008; ALBERTO et al, 2008; AMPARO et al, 2008; JINEZ; SOUZA; PILLON, 2009; SA et al, 2010; CERQUEIRA-SANTOS et al, 2010; CRUZEIRO et al, 2010; ROZIN; ZAGONEL, 2012).

Temos buscado contribuir com o processo de produção de conhecimento sobre a adolescência a partir de um referencial conhecido como psicanálise concreta (BLEGER, 1958;1963; POLITZER, 1928). Nossos esforços têm resultado na percepção de que os adolescentes, em nossa sociedade, tendem a ser vítimas de discriminação e preconceitos (BARCELOS; BUSNARDO; TACHIBANA; AIELLO VAISBERG, 2009; BARCELOS; BUSNARDO; MONTEZI; TACHIBANA, AIELLO VAISBERG, 2009). Em estudo recente, encontramos um imaginário impressionantemente preconceituoso, por parte dos profissionais de saúde mental que lidam com esses jovens no seu dia-a-dia de trabalho (PONTES, 2011). Isso nos parece preocupante uma vez que cuidadores indispostos contra aqueles que recebem sua atenção certamente falharão em sua tarefa. Evidentemente, o preconceito nem sempre é consciente. Deste modo, justificam-se inquietações quanto aos sentimentos contratransferenciais de educadores, profissionais de saúde, profissionais da área jurídica e da assistência social que lidam com adolescentes a partir de posicionamentos, eventualmente dissociados, destituídos de consideração e respeito.

A nosso ver, nossos achados de pesquisa, relativos ao preconceito social contra o adolescente, devem ser pensados à luz do reconhecimento das condições concretas de vida da população. Provavelmente, será produtivo encetar discussões com estudos que fazem uso do conceito de vulnerabilidade social, que só nos parece útil se puder ser usado a partir de perspectivas concretas que contextualizam os fenômenos em termos sociais, culturais, históricos e geopolíticos. Caberá aqui aprofundar o debate sobre as consequências advindas do modo como consideramos as vulnerabilidades sociais. De todo o modo, é inestimável o valor dos estudos, tais como o de Bretas (2010), que citamos como exemplo, que apontam que adolescentes das classes menos favorecidas sofrem exclusões sociais na medida em que não têm acesso a recursos materiais, educacionais, culturais e de saúde.

Vimos que os estudos citados apontam a necessidade de pensar em práticas e políticas públicas que atendam aos adolescentes e aos seus cuidadores e familiares, numa linha semelhante à que apresentamos. Pode-se afirmar que os esforços têm sido feitos pelos pesquisadores, mas que, infelizmente, não se convertem em transformações da vida social. Um exemplo flagrante é o que sabemos sobre a associação entre início do uso de álcool e drogas à vivência de situações de vida conturbadas e posterior uso abusivo das drogas (HEIN; ANDRADE, 2008; JINEZ; SOUZA; PILLON, 2009; SAMPAIO FILHO et al, 2010; CRUZEIRO et al, 2010; COSTA et al, 2012; ROZIN; ZAGONEL, 2012). Em outros termos, existem pesquisas que detalham com clareza como se instala um caminho de dependência química. Ora, o uso deste conhecimento requer mudanças nas condições concretas de vida da população. A equação teórica é simples. A implementação de mudanças fere interesses constituídos. O resultado é a dependência química como problema de saúde pública.

Finalizamos esta seção lembrando um segundo caso, relativo à pesquisa realizada por Tardivo (2007) com indígenas aculturados do município de São Gabriel da Cachoeira. Atendendo a uma demanda clínica, relativa ao índice alto de suicídio de adolescentes de sexo masculino, a pesquisadora realizou notável trabalho que evidenciou a perda de sentido de vida derivada de condições concretas, sociais, culturais, geopolíticas, geradoras de desesperança e perda de sentido. Não se trata de idealizar uma clínica que pensa o problema psicológico como mental ou intrapsíquico, mas de reconhecer que vidas insuportáveis, marcadas por desamparo, injustiça e humilhação, abalam a vontade de viver de adolescentes.

Fechamos, agora, este quadro amplo, que percorremos rapidamente nesta seção, retornando para a presente pesquisa que, de fato, opera um recorte num todo muito mais vasto que é o sofrimento emocional de adolescentes que vivem em situação de precariedade social. Nosso objetivo se limita, aqui, ao estudo psicanalítico da experiência emocional de adolescentes pobres que vivenciam a morte, por causas externas, de coetâneos com os quais convivem proximamente. Entendemos que uma abordagem desta experiência pode contribuir para a proposição de práticas psicológicas, psicossociais, educativas e outras, tanto para os jovens como também para aqueles que estão diretamente ligados ao seu cuidado, podendo beneficiar a todos. Além disso, consideramos que nosso texto pode ter utilidade para pesquisadores da área de ciências humanas e para a sociedade em geral, na medida em que possa desfazer mitos segundo os quais se pensa o sofrimento como algo que brota a partir da interioridade psíquica e não como algo socialmente construído.



## **CAPÍTULO II**

### **COMPONDO UM PERCURSO**

Desde sua criação, o Grupo de Pesquisa USP/CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade<sup>9</sup> vem realizando pesquisas empíricas com o método psicanalítico, utilizando-o desde a perspectiva da psicologia concreta (BLEGER, 1958;1963; POLITZER, 1928). Optamos por esta abordagem em virtude de um posicionamento epistemológico e ético que valoriza a produção de conhecimento sobre problemáticas concretas que provocam sofrimentos sociais (RENAULT, 2004; 2008). Percebendo que angústias, desamparo, e experiências de humilhação e injustiça articulam-se intimamente às condições sociais, econômicas, culturais e geopolíticas, buscamos, como pesquisadores, produzir conhecimento que nos permita configurar propostas clínicas e enquadres diferenciados que evitem todo reducionismo psicológico (BLEGER, 1958;1963;1966).

A primeira parte deste capítulo apresenta os conceitos fundamentais aqui utilizados. Descrevemos, na segunda seção, os procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico. Amparados pelo método psicanalítico, buscamos, portanto, compreender a experiência emocional de adolescentes, que vivem em situação de precariedade social, diante da morte por causas externas de coetâneos com os quais convivem proximamente.

---

<sup>9</sup> A totalidade da produção deste Grupo de Pesquisa articula-se à linha de pesquisa Investigações em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

## **2.1 Fundamentação teórico conceitual**

Esta pesquisa se enquadra no que Hermann (1979; 2004) identifica como pesquisa psicanalítica empírica em clínica ampliada, compreendida entre nós como forma válida e relevante de inserção do nosso trabalho investigativo no contexto das pesquisas qualitativas em psicologia. Retomamos aqui a variedade de abordagens metodológicas qualitativas que compõem o campo da chamada pesquisa qualitativa, ou seja, aquelas que buscam a compreensão da ação e da experiência humana, estudadas interpretativamente, como alvo central. São múltiplos os referenciais atualmente utilizados na pesquisa psicológica qualitativa, tais como: fenomenologia, análise de conteúdo, etnografia, análise de discurso e abordagem narrativa (PARKER, 2005).

Um aspecto particularmente interessante, que contribui para o desenvolvimento científico, no campo das ciências humanas qualitativas, é a prática de apresentar fundamentos epistemológicos e metodológicos, bem como descrever os procedimentos investigativos utilizados, antes de reportar a pesquisa efetivamente realizada. Esta é a tarefa que o presente capítulo pretende cumprir, defendendo a abordagem psicanalítica como uma boa opção de pesquisa qualitativa.

Seguindo indicações de Herrmann (2004) podemos dividir as pesquisas acadêmicas, cujos autores classificam como psicanalíticas, em três tipos. O primeiro, que tem gerado uma copiosa produção, abarca estudos positivistas que abordam temas psicanalíticos. Um capítulo assinado por Simon (1993), num livro que se tornou referência para pesquisadores psicanalíticos (SILVA, 1993), é um excelente exemplo de realização rigorosa e competente deste tipo de pesquisa. Encontramos aí a defesa desta configuração investigativa como estratégia fecunda para exame de hipóteses que emergem a partir da clínica e da teoria psicanalítica. O

segundo tipo diz respeito às pesquisas que utilizam o método hermenêutico para realizar estudos “teóricos” de textos psicanalíticos, o que pode trazer importantes reflexões acerca da obra escrita de alguns teóricos. Neste caso a psicanálise figura curiosamente como objeto de estudo e não como método investigativo. Por fim, há o terceiro tipo, ao qual pertencem pesquisas que se articulam precisamente ao redor do uso da psicanálise como método investigativo não apenas de atendimentos clínicos, mas de fenômenos sociais e culturais (HERMMANN, 2004; AIELLO-FERNANDES, 2013).

Em consonância com nossos posicionamentos epistemológicos e éticos, que nos tem levado a criticar, com Politzer (1928), o abstracionismo e formalismo que floresce em muitas pesquisas psicológicas, temos optado por usar a psicanálise como método. Vale lembrar que para Freud o método antecede logicamente tanto a teoria como a clínica. Esta posição está bem retratada no verbete psicanálise da obra de Laplanche e Pontalis (1982):

“Disciplina fundada por Freud e na qual podemos, com ele, distinguir três níveis: a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Esse método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p. 384-385).

Entendemos que o método psicanalítico é uma das boas opções para o pesquisador da área da psicologia. Como bem demonstraram Politzer

(1928) e Bleger (1958;1963), é perfeitamente possível atender as exigências de uma psicologia concreta a partir do uso do método freudiano. A coerência existente entre psicologia concreta e psicanálise pode ser facilmente demonstrada se nos lembrarmos de que o pressuposto deste método é a consideração de que todas as condutas humanas, mesmo as mais bizarras, cruéis ou aparentemente absurdas, pertencem ao acontecer humano, sendo, portanto, dotadas de sentido emocional:

“Toda conduta do ser humano é sempre significativa, tem um sentido (...) Acabamos de empregar como sinônimos os termos sentido e significado e nos referimos com eles à relação que a conduta tem sempre com a vida e a personalidade total do sujeito e com uma dada situação; mas o que melhor qualifica o sentido é o fato de que toda conduta é um acontecimento ou acontecer humano, e damos o significado da conduta quando a referimos em termos de acontecer humano, no que posteriormente estudaremos como Dramática” (BLEGER, 1963, p.85 e 86)

Segundo esta perspectiva, o sentido não corresponde à intenção ou vontade, como algo que se exterioriza do interior da pessoa. Concebem o sentido como algo que está inevitavelmente relacionado à vida da pessoa e às situações concretas em que qualquer conduta aparece. Para que isso fique claro, é preciso ter conhecimento de que usamos a palavra conduta no sentido blegeriano do termo, compreendendo-a como toda e qualquer manifestação humana, que se dá num processo dinâmico, expressando-se como fenômenos corporais, mentais e de atuação no mundo externo, de forma relacionada, ou seja:

“(...) a conduta sempre implica manifestações coexistentes nas três áreas; é uma manifestação unitária do ser total e não pode, portanto, aparecer

nenhum fenômeno em nenhuma das três áreas sem que implique necessariamente as outras duas” (BLEGER, 1963, p. 28).

Temos estudado diferentes grupos a partir do uso do conceito de imaginário coletivo (AIELLO VAISBERG, 1999), entendido como conduta humana, que compreende ideias, crenças, fantasias, assim como práticas, nem sempre conscientes, de pessoas e grupos, a respeito de diferentes fenômenos. A partir do estudo do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o doente mental (AIELLO VAISBERG, 1999), deparamos com um posicionamento preconceituoso, o que nos levou a perceber que, além do sofrimento e das angústias que provocam as rígidas defesas que organizam a psicose, os pacientes psiquiátricos também sofrem pela discriminação de que são alvo. Desde então, ampliamos nossos estudos pesquisando outras figuras sociais que são vítimas de preconceitos, tais como: obesos, deficientes físicos, crianças adotadas, para citar alguns. Chegamos aos adolescentes a partir de estudos a respeito do imaginário coletivo e da experiência emocional dos jovens e daqueles que lidam com eles, como visto em Bretas, 2003; Camps, 2003; Granato; Aiello-Vaisberg, 2005; Barreto, 2006; Camps, 2009; Pontes, 2011, entre outros.

Assim, acreditamos nas possibilidades de usar a psicanálise enquanto método de investigação de fenômenos humanos, que ocorrem nos mais diversos contextos, tendo em vista produzir conhecimento útil a indivíduos e grupos que sejam alvo de preconceitos e exclusão, bem como à sociedade como um todo.

Consideramos a experiência emocional consciente apenas como uma parte da experiência vivida que pode, além de nos auxiliar a compreender questões emocionais, servir de embasamento para a proposição de práticas psicoprofiláticas que possam ir ao encontro das necessidades de

determinados grupos que talvez não tenham acesso a algum tipo de cuidado psicológico (BLEGER, 1966).

Além disso, se utilizamos o método psicanalítico como pressuposto estruturante de nossa pesquisa, não somos obrigados a aderir, antecipadamente, a nenhuma teoria específica. Desse modo, nos posicionamos diante de todos os momentos de uma pesquisa embasadas pelo método psicanalítico, vale dizer, em postura de atenção flutuante e associação livre, mas não nos apegamos, primeiramente, a nenhum tipo de teoria determinante. Isso nos parece fundamental uma vez que é difícil, para não dizer impossível, se chegar ao novo e manter a postura de curiosidade investigativa se estamos comprometidos com a defesa de alguma teoria instituída (HERRMANN 1979/2004).

Articulamos então, já há algum tempo<sup>10</sup>, contribuições de Herrmann (1979/2004) e Bleger (1963), para a produção de estudos acerca de diversos fenômenos humanos, adotando o conceito de imaginário coletivo (AIELLO-VAISBERG, 1999; AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008), que concebem como condutas que abrangem tanto a atividade imaginativa como a produção de práticas e objetos. Privilegiamos a investigação de determinantes lógico-emocionais dos fenômenos humanos de maneira coerente com a concepção antropológica psicanalítica de um ser humano que não é exclusivamente racional. Por esse motivo, valorizamos os aspectos cognitivos, mas entendemos que a tarefa psicanalítica consiste em incluí-los na medida em que se articulam profundamente com a experiência emocional (AIELLO-VAISBERG, 1999).

Desse modo, na presente pesquisa objetivamos estudar a experiência emocional de adolescentes que vivem em situação de precariedade social, diante da morte de coetâneos com os quais convivam proximamente. A

---

<sup>10</sup>O leitor que se interessar pode encontrar o conjunto desta produção acessando o Lattes de Tania Maria José Aiello Vaisberg no [www.cnpq.com.br](http://www.cnpq.com.br), bem como a biblioteca do site [www.serefazer.psc.br](http://www.serefazer.psc.br).

partir desse objetivo buscamos ser fiéis ao que propõe a psicologia concreta de Politzer (1928) e Bleger (1958;1963), ou seja, buscamos nos aproximar maximamente das experiências vividas, nos contextos em que se inserem, mantendo-nos próximos à vida das pessoas, assim como coloca Politzer (1928):

“O que a psicanálise procura sempre é a compreensão dos fatos psicológicos em função do sujeito (...) O caráter mais evidente dos fatos psicológicos é o de estar “em primeira pessoa””. (POLITZER, 1928, p. 62).

Temos definido experiência como modos de habitar dramaticamente campos de sentido afetivo-emocional, correspondentes a mundos “psicológicos” humanamente produzidos, passíveis de serem habitados contínua ou transitoriamente (CORBETT, 2014; AIELLO-FERNANDES, 2013). Realizamos, nesse estudo, um trabalho acerca da experiência emocional em função de uma situação real e significativa, relacionada ao evento dramático que vivenciaram.

O conceito de campos de sentido afetivo-emocional<sup>11</sup> corresponde a uma operacionalização do conceito de inconsciente. Chegamos a utilizá-lo seguindo as indicações metodológicas de Bleger (1963) e de Herrmann (1979), o que nos permitiu propor um uso solidário dos conceitos de conduta e campo de sentido afetivo emocional (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008). Um campo existe a partir de atos puramente humanos,

---

<sup>11</sup> Uma série de pesquisas, articuladas ao redor do uso do conceito de campo de sentido afetivo-emocional, forjado a partir de considerações metodológicas de Bleger (1963) e Herrmann (1979), tem sido aceita por periódicos bem qualificados, atestando a fecundidade deste conceito no campo da pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Podemos citar, entre outros, os seguintes artigos: Àvillia; Tachibana; Aiello-Vaisberg (2008), Couto; Tachibana; Aiello-Vaisberg (2007), Russo; Couto; Aiello-Vaisberg (2009), Pontes; Cabreira; Aiello-Vaisberg (2008); Cabreira; Pontes; Tachibana; Aiello-Vaisberg (2008), Fialho; Fernandes; Montezi; Aiello-Vaisberg (2012), Martins; Aiello-Vaisberg (2009), Martins; Aiello-Vaisberg (2010), Pontes; Barcelos; Tachibana; Aiello-Vaisberg (2010), Barreto; Aiello-Vaisberg (2007), Granato; Aiello-Vaisberg (2013), Montezi; Barcelos; Ambrosio; Aiello-Vaisberg (2013).

vale dizer, condutas, e é a partir desse campo que novas condutas podem emergir. Nessa perspectiva, a dimensão não consciente da experiência humana é, essencialmente, intersubjetiva, relacional.

Para apresentar o acontecer clínico que compõe a pesquisa, distinguimos, metodologicamente, quatro tipos de procedimentos investigativos: **procedimento investigativo de encontros com os participantes**, onde definimos como se deu a experiência de encontro com os participantes, **procedimento de registro dos encontros com os participantes**, por meio dos quais podemos organizamos o material clínico derivado dos encontros, **procedimento de interpretação dos encontros com os participantes**, vale dizer, produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocionais ou inconscientes relativos e **procedimento investigativo de interlocução reflexiva**, momento em que nos afastamos um pouco da nossa postura de atenção flutuante, para elaborarmos interlocuções teóricas, a fim de conversar com outros autores, ampliando nosso conhecimento.

## 2.2 Procedimentos Investigativos

Organizamos o **procedimento investigativo de encontros com os participantes**, que configura o acontecer clínico, a partir de dois momentos principais: visitas institucionais ao campo de pesquisa, nas quais procuramos nos familiarizar com o ambiente, bem como nos tornar conhecidas para as pessoas que o freqüentam, e um encontro para realização da entrevista coletiva (DUCHESNE; HAEGEL, 2005). Inspirando-se paradigmaticamente no Jogo do Rabisco de Winnicott (1971/1994), realizamos entrevista coletiva transicional, que se caracteriza pelo favorecimento do gesto espontâneo, num ambiente transicional. Além



disso, conta com o uso de um recurso mediador dialógico, a fim de favorecer a comunicação emocional dos participantes.

As visitas institucionais merecem destaque em função da importância que assumem em pesquisas qualitativas. Partimos da compreensão de que o conhecimento se produz no encontro, não existindo pólo ativo e pólo inerte. O que há é uma interação, entre pesquisador e os participantes, o ambiente e as demais figuras que participem, de alguma forma, do contexto. Assim, torna-se fundamental que o pesquisador se deixe conhecer e também se familiarizar com o lugar que irá ocupar, mesmo que por um período determinado. A partir do momento que iniciamos as visitas, buscamos interagir como pesquisadores psicanalíticos, ou seja, deixando-nos impressionar em estado de atenção flutuante, tendo em mente que nossa presença transforma o acontecer, mesmo sendo certo que nos empenhamos em intervir de modo minimalista.

As visitas à ONG mostraram-se fundamentais para nos familiarizar com a realidade vivida no ambiente dos jovens e dos profissionais, possibilitando o conhecimento da dinâmica de funcionamento institucional, bem como uma aceitação suficientemente boa de nossa presença. A importância citada aqui fica bem clara nas narrativas elaboradas após cada visita, onde relatamos as experiências vividas.

Já para o encontro final, tomamos o cuidado de tentar realizar a entrevista num horário em que fosse possível que sua finalização se desse naturalmente, como experiência completa (WINNICOTT, 1964/1975), sem risco de interrupção por fatores externos, ou seja, permitindo esperar que o acontecer se defina em função de seus próprios desdobramentos. A importância desse respeito ao tempo da própria entrevista, e consequentemente do grupo participante, deriva daquilo que apreendemos a partir do Jogo da Espátula de Winnicott (1941). Neste fica evidenciado que deixar que uma *experiência ocorra em toda sua*

*extensão*, por si só, traz benefícios ao amadurecimento do indivíduo. A ideia é que o bebê, no caso do Jogo da Espátula, possa lidar com o objeto desconhecido, em seus próprios termos, contando com a ajuda de uma mãe, suficientemente boa, que consiga respeitá-lo. Dessa forma, é necessário que a experiência possa ter um começo, um meio e um fim, tal como propõe Winnicott (1964/1975):

“(...) pode haver um princípio, um meio e um fim para o que aconteceu; foi um acontecimento total. Isso é bom para o bebê. (...). Concedendo ao bebê tempo para experiências totais, e participando nelas, a mãe estabelece gradualmente as bases para a capacidade do bebê desfrutar, finalmente, todas as espécies de experiência sem precipitação.”  
(WINNICOTT, 1964/1975, p. 86)

Ampliando esse conceito para além do período infantil, compreendemos a experiência completa como um referencial de que a vida transcorre de forma suficientemente boa. Na situação da entrevista coletiva, consideramos fundamental deixar os jovens à vontade para encontrar e trabalhar em seu ritmo, em companhia acolhedora da psicóloga pesquisadora durante todo encontro.

A entrevista coletiva realizada se compôs de três fases, que são aquelas que norteiam encontros inter-humanos, conforme o Jogo da Espátula: preparação, atividade expressiva e conversa grupal.

A primeira fase, aqui denominada preparação, configurou-se a partir da apresentação da proposta e de espaço livre, no qual os jovens disseram seus nomes, e puderam explicar sobre o que estavam falando na reunião anterior à entrevista, resultando numa breve conversa informal, com vista à criação de um clima descontraído e propício à expressão subjetiva.

Em seguida, para a segunda fase da entrevista, utilizamos, como recurso mediador dialógico, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema,

desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir da proposta psicodiagnóstica idealizada por Trinca (1976). Tal procedimento é um recurso clínico, facilitador da comunicação emocional, cujo uso se justifica no contexto da pesquisa que compreende a produção de conhecimento segundo um paradigma intersubjetivo. Segue as linhas que definem o Jogo do Rabisco (WINNICOTT, 1968), diferenciando-se, portanto, das técnicas de avaliação psicológica. O Jogo do Rabisco foi criado no contexto de entrevistas clínicas iniciais, como forma de um convite ao paciente, que poderia ou não aceitar (WINNICOTT, 1968). Winnicott buscava deixar claro que era uma brincadeira sem regras, apenas um jogo que gostava de jogar e não um teste pelo qual o paciente seria analisado, funcionando como forma de facilitar a comunicação emocional. Nas palavras do autor:

“O jogo dos rabiscos é simplesmente um meio de se conseguir entrar em contato com a criança. O que acontece no jogo e em toda a entrevista depende da utilização feita pela experiência da criança, incluindo o material que se apresenta.” (WINNICOTT, 1971, p. 11).

O Procedimento de Desenhos-Estória com Tema consiste no convite aos participantes a desenharem e inventarem uma história sobre a figura desenhada a partir de um tema de interesse do pesquisador. No caso em estudo foram propostos dois temas: “um adolescente dos dias de hoje” e “um adolescente dos dias de hoje daqui a dez anos”, tema semelhante ao utilizado em outros momentos (CABREIRA, PONTES, TACHIBANA; AIELLO- VAISBERG, 2007; TARDIVO, 2007; PONTES, BARCELOS, TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2010; PONTES, 2011).

Consideramos que o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (AIELLO-VAISBERG, 1999) está em completa sintonia com a pesquisa psicanalítica, pois contempla seus fundamentos metodológicos:

“Se a pessoa que participou da pesquisa recebeu um convite para desenhar e inventar uma história sobre um tema, seguindo sua livre vontade, podemos pensar que "associou livremente" a partir da instrução recebida. O material será recebido pelo pesquisador psicanalista segundo uma postura de abertura plena à expressão subjetiva, que coloca entre parênteses, fenomenologicamente, julgamentos, convicções, preferências teóricas, ou, na feliz expressão bioniana, memórias e desejos. Herrmann (1991) traduz o uso do método em termos de esclarecedoras palavras de ordem: deixar que surja, tomar em consideração e completar o desenho ou configuração do desejo.” (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008).

Por fim, a terceira fase da entrevista foi uma conversa grupal psicanaliticamente orientada a partir do convite aos participantes para falarem sobre os temas trabalhados, sobre as vivências geradas pela execução da tarefa e/ou sobre o que sentissem vontade. Esse momento é fundamental, pois entendemos que operamos em campo intersubjetivo, investigando questões que evidentemente mobilizam os adolescentes. Assim, fez-se importante que os jovens tivessem oportunidades de se deparar com suas próprias concepções, crenças e fantasias em nossa presença, como pesquisadoras-psicólogas empenhadas em sustentar um ambiente emocionalmente saudável e usar esse momento como espaço no qual temores pudessem ser enfrentados a partir de posicionamentos mais autênticos, sem adoção de defesas rígidas e estereotipadas (AIELLO-VAISBERG, 2009).

Após os encontros – visitas institucionais e entrevista -, compondo o **procedimento de registro dos encontros com os participantes**, foram produzidas narrativas transferenciais, (AIELLO-VAISBERG,

MACHADO, AYOUCHE, CARON; BEAUNE, 2009), de memória<sup>12</sup>, elaboradas a partir do uso do método psicanalítico e, portanto, do cultivo da atenção fluente e associação livre. Assim, finalizado cada encontro, buscamos recordar o que aconteceu do mesmo modo como alguém se lembra de seu sonho, vale dizer, rememorando não apenas as cenas e acontecimentos, mas também as emoções e sentimentos vividos durante o sonhar. Dessa forma, o procedimento de elaboração da narrativa transferencial se faz como um verdadeiro filtro daquilo que, no encontro vivido, foi emocionalmente significativo (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; AMBROSIO, 2003; AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2005).

Nas narrativas podem ser impressas marcas da subjetividade de quem estava presente no encontro, algo fundamental para a forma que compreendemos os fenômenos vivenciados. Ou seja, entendemos que tudo que foi despertado, associativamente, durante a elaboração da narrativa, tem seu valor para a compreensão das condutas emergentes. Deste modo estudamos uma experiência vivida entre adolescentes e pesquisadora, que se deu num momento preciso do tempo, como um acontecer inter-humano.

Na narrativa integram-se então o acontecer vivenciado pelo grupo e a subjetividade compreensiva do pesquisador (GRANATO; CORBET; AIELLO-VAISBERG, 2011; GRANATO; AIELLO VAISBERG, 2004) enquanto se dá origem a um texto que tem qualidade especial, na medida em que podemos considerá-lo como registro vivo, passível de ser retomado e "revivenciado" sempre que empreende uma nova leitura. Talvez possamos associar as narrativas com partituras musicais, que perduram e possibilitam a diferentes instrumentistas reproduzirem e/ou recriarem a melodia ali impressa, sabendo que, a partitura em si, fica sempre aquém

---

<sup>12</sup> Chamamos a atenção para o fato de não fazermos anotações durante a entrevista, o que favorece a manutenção de uma postura atenta e presente.

da execução da música, mas possibilita ao outro ficar impactado por ela e reproduzir a sua maneira, de acordo com sua subjetividade.

Os desenhos-estórias propriamente ditos - concebidos enquanto condutas imaginativas, comunicações emocionais que figuram como produto de atuação no mundo externo e funcionam como uma mensagem - compõem, ao lado das narrativas, o conjunto dos registros a partir dos quais produzimos interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos.

Finalmente, no que diz respeito ao **procedimento de interpretação dos encontros com os participantes**, esclarecemos que a interpretação compreensiva da narrativa e dos desenhos-estórias se faz a partir do uso do método psicanalítico, operacionalizado de acordo com as recomendações de Herrmann (1979): *deixar que surja, tomar em consideração e completar a configuração de sentido*. Deste modo pudemos produzir interpretativamente campos de sentido afetivo emocional ou inconscientes relativos.

A interpretação demanda que nos deixemos impactar pelo material de forma a buscar os sentidos humanos que ali já existem e que, ao mesmo tempo, criamos, num movimento que segue uma lógica paradoxal, que se alinha ao pensamento winnicottiano (AIELLO-VAISBERG, 2012). Nesse momento do trabalho continuamos deixando em parênteses possíveis teorias que nos são caras, como o fizemos durante a entrevista, durante as quais nos mantivemos presentes e atentas ao acontecer naquele momento, a fim de sustentar e facilitar a comunicação emocional dos participantes. No momento da produção interpretativa dos campos, seguimos abertos às nossas próprias associações e lembranças, tendo em vista alcançar alguma compreensão sobre os mundos emocionais habitados por alguns adolescentes brasileiros de favela.

O trabalho de se debruçar sobre o material clínico, composto pelas narrativas e pelos desenhos-estória, propriamente ditos, foi feito inicialmente pela pesquisadora. Numa segunda etapa este material foi considerado pelos participantes do grupo de pesquisa, não em busca de unificar o olhar e chegar a

conclusões iguais, mas, ao contrário, na tentativa de ampliar a compreensão. Entendemos que cada pessoa que se voltar para o material clínico fará suas próprias associações, pois assim como uma música não soa uniformemente a todos os ouvintes, o material despertará diferentes reações contratransferências em todos que se voltarem a ele (SILVA, 1993; HERRMAN, 1993; DEVEREUX, 2012). Consideramos isso como algo positivo uma vez que contribui para a produção de conhecimento compreensivo sobre substratos afetivo-emocionais a partir dos quais emergem atos humanos simbólicos, corporais e gestuais (BLEGER, 1963).

Os adolescentes participantes dessa pesquisa frequentam uma ONG, mas também habitam outros contextos no seu dia-a-dia. Então, aqui tiramos uma “fotografia” de um momento de vida deles. Queremos encontrar os campos que subjazem a essa fotografia, compreendidos como inconscientes, vale dizer não como instância psíquica e, sim, como dimensão psíquica social, algo que existe entre pessoas, mas não apenas dentro delas. Assim, quando dizemos que criamos/encontramos<sup>13</sup> os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, entendemos que o inconsciente não existe, mas que há o inconsciente (HERRMANN, 1979). Desse modo, a partir do olhar para o material clínico serão criados/encontrados campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, em relação à experiência emocional de adolescentes de favela diante da experiência de morte de um colega.

Por fim, após a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional, realizamos o **procedimento investigativo de interlocução reflexiva**. Tal procedimento é diferente dos procedimentos que até aqui desenvolvemos. Caracteriza-se por exigir um afastamento da posição de cultivo de atenção flutuante e associação livre, para realizarmos um

---

<sup>13</sup> O conceito de criar/encontrar deriva do que Winnicott coloca sobre a experiência de ilusão do bebê, a qual o auxilia no processo de relacionamento com a realidade externa. O autor coloca que *desde o nascimento, portanto, o ser humano está envolvido com o problema de relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido* (Winnicott, 1953/1975, p.26). Esse “problema” se soluciona a partir dos cuidados suficientemente bons da mãe, atenciosa e acolhedora.

trabalho intelectual distinto, voltado a examinar ideias e teorias com as quais possamos estabelecer interlocuções acerca dos achados da pesquisa. Evidentemente, consideramos autores que priorizemos aspectos afetivo-emocionais não conscientes para nortear seus estudos, pois se aproximam de nosso pressuposto básico (CORBETT, 2014).

Vale ressaltar que de forma alguma deixamos de considerar a concretude e a dramática em jogo em prol de abstrações teóricas e especulativas. Não deixamos de lado o fenômeno estudado como experiência vivida, apenas nos afastamos um pouco, a fim de possibilitar a inclusão de outros autores em forma de diálogo e reflexão. Sabemos que toda produção de conhecimento demanda alguma abstração da situação estudada (BLEGER, 1963), mas quando adotamos a perspectiva da psicologia concreta, isso se dá em grau mínimo. Devemos considerar o drama como acontecer humano irreduzível, pois não há produção de conhecimento psicológico significativo se este for abordado de modo descontextualizado (POLITZER, 1928; BLEGER, 1963).

Consideramos então o material produzido nesse procedimento como trabalho intelectual desenvolvido em forma de interlocuções reflexivas, que objetiva tanto a compreensão dos sentidos e significados da experiência emocional, quanto à produção de conhecimento, que se dá pela valorização da perspectiva dramática dos fenômenos humanos.



### **CAPÍTULO III**

#### **CRIANDO MELODIAS**

O capítulo que segue é dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos ao leitor as narrativas elaboradas após os encontros, sendo que as três primeiras correspondem às três visitas institucionais à ONG, caracterizando a ambientação que precedeu a entrevista coletiva com os adolescentes. O leitor verá que nessas visitas foi possível estabelecer contatos informais com os jovens, o que pode contribuir para tornar a figura da pesquisadora conhecida. Além disso, foi possível ter contato com alguns profissionais da ONG, o que gerou considerações importantes que acreditamos compor os campos referentes à experiência emocional dos adolescentes. Este é o motivo pelo qual as três narrativas são apresentadas. A quarta e última narrativa corresponde ao encontro propriamente dito com os jovens. Nela estão inseridos os desenhos-estória produzidos, apresentados conforme apareceram na entrevista.

Esse conjunto de produções, formado pelas narrativas e desenhos-estória, compõe o que chamamos de material clínico da presente pesquisa.

Na segunda parte serão apresentados os quatro campos de sentido afetivo emocional, ou inconscientes relativos, criados/encontrados interpretativamente a partir do debruçar atento sobre o material clínico. Inicialmente, apresentaremos os campos, bem como as regras lógico-emocionais, segundo as quais se definem. As reflexões associativas geradas pelos campos virão, posteriormente, no próximo capítulo.

### **O primeiro impacto**

*Data: 30/08/11*

*Fui visitar a ONG para conhecer as instalações e o funcionamento, assim como apresentar minha proposta, a fim de verificar qual seria a abertura que me dariam. Minha primeira sensação foi de tranquilidade e bem estar mesmo sendo um lugar desconhecido. Talvez tenha sido pela presença dos jovens, o que me remeteu às minhas vivências com os adolescentes da escola em que fiz estágio na faculdade – experiência que considero ter sido muito boa e extremamente importante, para mim, do ponto de vista profissional e pessoal.*

*Sentei com a diretora da ONG, Rafaela Santos<sup>14</sup>, que eu conhecia apenas superficialmente, para explicar a proposta e perguntar como funcionavam as atividades e onde eu poderia me inserir. Ela me explicou que existiam oficinas educativas de diversas frentes (desenho, jornal, artesanato, dança, entre outras) das quais os adolescentes participavam no período inverso ao da escola regular, podendo almoçar e tomar lanche lá. Frequentar as aulas escolares e residir na região da qual a ONG é referência são os requisitos necessários para poder participar das*

---

<sup>14</sup> Todos os nomes usados nessa e nas próximas narrativas são fictícios, buscando preservar a identidade dos envolvidos. Seguem nomes de jogadores de futebol que já passaram pelo Corinthians, em função de associação livre que remeteu ao gosto deles por futebol e, em especial, pelo Corinthians.

*atividades oferecidas. Explicou-me também que os profissionais se preocupam em passar valores diferentes dos que eles vivem em casa e na família, geralmente, para tentar oferecer a eles algum conhecimento sobre outros modos de viver e, através disso, tirá-los da rua e auxiliá-los a encontrar caminhos diversos. Enquanto ela falava, fiquei imaginando se essas propostas iam ou não ao encontro das demandas desses jovens e como será que buscam se aproximar da realidade de cada um deles.*

*Em seguida, expliquei para ela meu objetivo de pesquisar adolescentes que viviam em situação de precariedade social e como havia pensado a minha inserção, ressaltando que iria algumas vezes participar de atividades antes de efetivamente realizar a entrevista coletiva com os adolescentes que aceitassem participar dela. Ela trouxe a importância de pensar em algum trabalho para as famílias, o que me fez cogitar a possibilidade de haver um receio de eu estar ali para apontar “falhas” no trabalho desenvolvido com os jovens. Comentei que também considerava extremamente importante o trabalho com os pais, e com todos que, de alguma forma, participam da vida dos jovens daquele espaço. Aproveitei o momento e contei a experiência que tive durante minha iniciação científica, com professores de ensino médio de escolas públicas e particulares, para aproximá-la do percurso que venho traçando com a pesquisa relacionada a adolescentes. Pontuei que no momento meu interesse era atuar com os adolescentes, por acreditar que muitas vezes esquecemo-nos de ouvi-los de fato.*

*Terminada a conversa, mostrou-me o espaço físico da ONG. No trajeto pude perceber que é muito carinhosa e que os jovens parecem gostar bastante dela. Todos foram me cumprimentando de forma bastante receptiva, me tratavam por dona, forma de chamar os mais velhos que parece ser comum a eles, fazendo com que me sentisse à vontade. Paramos na aula de artesanato para conversar um pouco com os que estavam ali presentes e, de cara, já me deparei com uma menina, que aparentava ter no máximo 15 anos, grávida, parecendo me dar um lembrete da realidade em que estava, na qual alguns fatores aparecem*

*mais escancarados. Sei que essa realidade não é exclusiva de contextos socioeconômicos desfavorecidos, mas tive a sensação de que fica mais presente, é mais do "dia-a-dia".*

*Muito bem recebida por eles, fui convidada para ficar ali fazendo pulseirinhas, que prontamente foram me ensinando. Fiquei um pouco, mas logo a Rafaela Santos me chamou para terminarmos a conversa, eles se despediram me pedindo para voltar mais vezes.*

*Um dos pontos que me chamou atenção foi o que a responsável colocou de que muitos arrumam empregos, mas ficam sistematicamente saindo dos trabalhos que iniciam e voltando para ONG, como se tivessem dificuldade de se desvincular desse lugar de cuidado. Compreendi nesse momento que conseguir um emprego aos 16 anos parece uma cultura do lugar, quase como uma "obrigação". Questionei-me muito sobre os porquês desse retorno constante, uma vez que um dos objetivos de programas como esse é justamente o de inserir os jovens no mundo do trabalho e ofertar possibilidades para além das que, tanto os adolescentes como os pais, acreditam existirem para eles. Cheguei a pensar que talvez só isso desse um tema de pesquisa, mas num outro momento.*

*Como sempre, esse primeiro impacto gerou um misto de sensações, talvez característico de se chegar a um lugar pela primeira vez, mas a empolgação que tomou conta de mim para realizar os encontros e me ambientar melhor nesse espaço foi a que falou mais alto.*

*É importante frisar que em nenhum momento desta visita o assunto relativo ao acidente da adolescente atropelada veio à tona. Ou seja, não foi mencionado por nenhuma pessoa da instituição. Por outro lado, eu tampouco tomei iniciativa de fazer qualquer alusão a esta questão, consonante com os passos constitutivos do método psicanalítico, que norteava minha atitude durante as visitas, no sentido do cultivo de uma atitude maximamente receptiva e acolhedora, sem, contudo deixar de cuidar para que os campos relacionais, subjacentes a todas as interações que ai surgissem, pudessem se configurar a partir da experiência emocional dos participantes (BLEGER, 1980/2003).*

### **Em busca de um lugar**

DATA: 22/11/11

*Diversas tentativas de começar a frequentar a ONG foram feitas, depois da visita realizada no dia 30 de agosto, que acabo de narrar. Entretanto, não conseguiram me receber até este dia 22 de novembro, vale dizer, quase três meses depois. Evidentemente, em função da receptividade inicial, eu esperava ser recebida mais prontamente. É importante relatar que era do meu conhecimento o fato de que esta ONG, que trabalhava com adolescentes, estar passando por um processo de união com outra, que trabalhava apenas com crianças até doze anos. Elas se juntaram com o objetivo de tentar fazer um trabalho mais contínuo, acompanhando as crianças até a adolescência. Com isso, também estava em andamento uma mudança de espaço físico, portanto, meus encontros seriam em outro lugar e não naquele a que fui inicialmente.*

*Quando finalmente foi possível o agendamento do novo encontro, combinei com a pessoa que administra a instituição que iria passar um tempo por lá, para que aos jovens pudessem se lembrar de mim e eu pudesse continuar a conhecê-los. Chegando lá conversei com a psicóloga Alexia, para quem eu fui apresentada apenas agora, e expliquei novamente meu projeto, ressaltando que gostaria de, antes de marcar o encontro com os adolescentes, participar de algumas atividades com eles, pensando que, assim, o encontro, para realizarmos os desenhos-estórias, não se tornasse algo invasivo ou descontextualizado. Ela foi bastante receptiva e, sendo jovem, provavelmente com idade semelhante a minha, talvez isso tenha favorecido que nos entendêssemos bem. Conversamos sobre experiências profissionais, falou-me sobre suas impressões acerca dos jovens e isso tudo foi criando um misto de sentimentos e expectativas em mim. Levou-me, então, pra ver o quadro com os horários das "aulas", a fim de escolher a atividade onde iria me inserir. Considero importante ressaltar que chamam as atividades de aulas, não de oficinas, nem de*

*atividades, ou de qualquer outro nome, mas sim de aulas e confesso ter me sentido incomodada com isso, pois parece dar um caráter apenas de educação formal/convencional a tudo que fazem ali. Talvez pela minha preocupação em ofertar espaços diferenciados, onde os jovens possam encontrar interesses, serem criativos, entre outras vivências, esse sentimento tenha sido marcante para mim.*

*Acabamos optando pela aula de teatro, que contava apenas com três meninas e um menino. Nesse movimento sentia-me levemente ansiosa, desejando me sentir parte daquele espaço. Sentamos em roda no chão e a professora solicitou aos participantes que, como ela, que também participou, dobrassem em três partes a folha que cada um tinha. Depois pediu-lhes que escrevessem em cada parte presente, passado e futuro e, em seguida, para desenharem na parte referente ao passado sonhos que tiveram e conseguiram realizar. Na parte referente ao presente a ideia era a mesma, mas sobre as conquistas do ano em curso e, na parte que representava o futuro, deveriam ser colocadas as projeções de sonhos que tinham.*

*Constatedei certa semelhança desta atividade, proposta nesta aula de teatro, com a temática dos desenhos-estória que eu iria solicitar aos adolescentes, na entrevista coletiva que realizaria depois das três visitas institucionais. Entretanto, percebi que o modo como o material estava sendo tratado diferia profundamente do que usualmente ocorre num encontro pautado no uso do método psicanalítico. Notei que, enquanto desenhávamos, foi possível perceber o jeito de ser de cada um que estava ali. O menino Gilsinho estava completamente introspectivo, tímido, nem se sentou no chão, ficando em silêncio praticamente a atividade toda. Uma das meninas também ficou mais reservada, porém de um jeito diferente, folheando livros e parecendo querer conquistar a atenção para si. As outras duas envolveram-se mais, uma bastante ambígua entre a infância (por exemplo, desenhar uma boneca como sonho conquistado neste ano) e a adolescência (o sonho de ter um celular e um mp3), bem como as expectativas de vida adulta (carro, piscina e família nos sonhos*

futuros). A outra, Fabrícia, parecia já estar se sentindo mais "adolescente", com um jeito mais descolado mostrando-se segura de si. Achei muito interessante que ela desejou, como sonho para conquistar, ainda este ano, ir para a balada, representando talvez essa necessidade de se inserir nas coisas mais "adultas", mesmo tendo quatorze anos.

Depois que terminamos os desenhos, cada um pôde apresentar o seu, sendo que os dois participantes mais quietos não quiseram. Gilsinho só falou sobre seu sonho para o futuro: ser jogador de futebol. Percebi que Fabrícia estava muito curiosa em saber o que eu e a Alexia havíamos desenhado. Acho válido ressaltar o quanto foi desconfortável realizar essa atividade. Senti-me mal de pensar em colocar conquistas como entrar no mestrado na USP, montar um consultório e sonhos como comprar uma casa e um carro, pois senti como se eu fosse parecer muito distante da realidade deles. No entanto, mescliei essas coisas com outras, como por exemplo, um sonho conquistado que foi o de perder a timidez através da dança ou reatar uma amizade importante que estava perdida. Refleti muito sobre essa "distância" entre os sonhos, as conquistas e as realidades, pensando no que é possível fazer, enquanto psicóloga, por esses jovens. Considerei também no quanto o fato de pertencer a diferentes contextos sociais deve refletir naqueles que trabalham com eles.

Depois que terminamos de apresentar, a professora encerrou a atividade. Fiquei pensando nas inúmeras oportunidades de trabalhar as questões emocionais, as angústias, as dúvidas e outros, que devem passar despercebidas, porque o a atividade não se dá em enquadre psicológico. Gostei de ter participado, mesmo com os desconfortos, pois acho que acabou sendo uma boa forma de começar a me sentir parte do espaço. Agradei muito, expliquei que eles me veriam novamente e combinei minha próxima volta com a Alexia.

Saí de lá com uma sensação boa, sentindo-me integrada com meus objetivos e com minhas potencialidades, mas receosa por sentir que é um lugar, como muitos, no qual falta referencial teórico, capacitação, cuidado

*relativo aos profissionais acerca de assuntos tão delicados, como os problemas atuais relativos à adolescência.*

*A exemplo do que ocorrera na minha primeira visita, não surgiram comentários sobre o acidente da adolescente atropelada, em momento algum, neste dia.*

### ***É preciso esforço***

*DATA: 29/11/11*

*Cheguei à ONG já sabendo que a psicóloga que me recebera na semana anterior não estaria lá naquele dia, pois eu havia feito contato telefônico anterior, para saber a quem deveria buscar. Procurei então a pessoa que ela havia indicado e perguntei se poderia acompanhar a aula de educação física, pois haveria maior concentração de jovens naquele horário.*



*Com muita atenção, a referida pessoa, que é como uma secretária /coordenadora/ organizadora da ONG, ou seja, cuida de muitas coisas por ali, especialmente de toda a parte de organização de eventos, aulas e outros, prontamente verificou o horário a fim de me encaminhar ao professor.*

*Muito acolhedora e receptiva, mostrou-se interessada por saber mais sobre minha pesquisa uma vez que, como mãe de um jovem que também frequenta a ONG, moradora da região e conhecida de grande parte das famílias dos adolescentes, preocupa-se com o que se oferece ali.*

*Deixando-me mais à vontade para pedir horários, espaços e tudo de que precisasse, levou-me até o professor responsável pela educação física, apresentou-me a ele explicando o que eu faria. Concordando com minha participação, ele me convidou para a aula de futebol.*

*O caminho até a quadra foi bem longo passando inclusive por uma trilha semelhante a essas típicas de floresta, utilizadas em esportes de aventura. Enquanto caminhávamos, fui pensando como era possível existir um lugar daquele, ali mesmo, na minha cidade, sem que eu soubesse da sua existência, e no quanto é mal aproveitado, já que é enorme e lindo.*

*Em certo momento do trajeto, o professor quis saber o tema da minha pesquisa, parecendo estar interessado no assunto. Expliquei meu interesse em compreender como os jovens se vêem e o que imaginam para o futuro, tentando deixar oculto o objetivo de conhecer a experiência emocional dos jovens diante da morte da colega, para não interferir em possíveis associações, conforme as exigências do método psicanalítico. A conversa prosseguiu no sentido dele expressar sua visão pessoal, que me pareceu um pouco pessimista, revelando achar difícil mudar as coisas, já que os próprios jovens falam que são de determinada forma, dando a entender que serão sempre assim. Comentou, ainda, a fim de exemplificar sua ideia, que não consegue sequer passar algumas técnicas de futebol,*

*pois eles querem apenas jogar, então acredita ser quase impossível tentar ensinar outros esportes.*

*Enquanto ele falava, fui pensando que pode estar acontecendo um desencontro entre as práticas oferecidas e o interesse dos jovens – por exemplo, querer ensinar técnicas, quando na verdade querem jogar, brincar. Poderia ainda haver ausência de busca de alternativas diferentes para a prática de esportes que permitissem aos jovens sentirem-se envolvidos com aulas que tivessem “a cara deles”.*

*Embora compreenda e entenda o quanto deve ser difícil trabalhar com essa realidade, senti como preocupante a dificuldade que, muitas vezes, os próprios profissionais enfrentam, por não contarem com capacitação e/ou acolhimento em relação ao que vivenciam com os jovens. Reconheci que isso tudo constitui dado de que, provavelmente, pessoas que se disponham a trabalhar em ONGs, como voluntários ou não, precisem também de um espaço de acolhimento no qual possam ser cuidados em suas dificuldades e orientados a trabalhar esse e outros sentimentos e angústias que possam surgir no dia-a-dia.*

*Quando enfim chegamos à quadra, o grupo contava com 22 adolescentes sendo somente duas meninas. Mais quatro chegaram depois, pois estavam sendo repreendidos por terem ido a um lugar proibido do parque - a sede do projeto está sendo mudada para esse parque, um lugar muito amplo, com bastante verde, um lago, mas como já relatei muito mal utilizado-.*

*Reparei que vários deles estavam com seu celular em mãos, tocando algum “funk” em alto volume, e que poucos haviam se aproximado de mim para saber quem eu era ou qualquer outra coisa a meu respeito. Não sei dizer se estavam intimidados ou se é normal figuras estranhas aparecerem por lá por qualquer motivo, não despertando por isso a atenção.*

*No meio dessa confusão sonora com diferentes músicas tocando e todos falando ao mesmo tempo, o professor me olhava com um ar de “não tem o que fazer”.*

*Com certo esforço, consegui que jovens viessem mais perto de nós e pude me apresentar dizendo meu nome, profissão e por que estava ali. Revelei que gosto muito do trabalho com jovens e que iria fazer alguns encontros para conversarmos sobre assuntos ligados à juventude, de forma livre, sem cobranças e sem notas, fala que despertou mais o interesse deles. Convidei todos a participarem das conversas e atividades e percebi, na expressão de alguns, um interesse maior do que de outros. Estavam, na verdade, muito preocupados e ansiosos para jogar futebol.*

*Fiquei um bom tempo por ali conversando com os que estavam esperando a vez de jogar, sentindo que estavam bem reservados. Tentei me integrar perguntando sobre os funks o que parece ter ajudado a descontraír. Falaram das músicas que gostam, mas durou pouco, pois logo estavam todos os meninos atentos ao jogo e as meninas conversando, sem me incluir.*

*Depois de um tempo agradeci, pedi ao professor para reforçar o convite para participarem das atividades que propus e me despedi. No caminho de volta estava cheia de pensamentos, refletindo sobre tudo que havia vivenciado naquela uma hora e pouco, no quanto senti que é difícil o trabalho com os jovens ali, no fato de ter me sentido deslocada, quando o que eu buscava era me incluir, entre outras coisas. Uma coisa me parecia certa: havia muito que contribuir por ali, talvez muito mais do que eu estivesse me dando conta.*

*Chegando de volta à casa onde acontecem as atividades em geral, conversei com a pessoa que me recebeu para definir dias e horários das minhas visitas que, a princípio, marcamos para a sexta-feira. Pareceu-me interessante abordá-los nesse dia porque permanecem ociosos durante um certo tempo, aguardando aulas de sapateado, nas quais há um revezamento.*

*Combinei fazer o encontro em grupo, dispondo-me, entretanto, a fazer entrevistas individuais caso necessário. Comentei o quanto fiquei impressionada com o espaço lindo que tinham à disposição e ela, embora concordando, informou que muitas vezes o espaço se torna um problema,*

*pois os jovens fogem, escondem-se, para ali fumar, beber e até usar outras drogas ou simplesmente "ficar", coisa que não é permitida na ONG nem nas aulas.*

*Despedi-me ansiosa para realizar a entrevista coletiva em minha próxima visita.*

### **Não ta fácil doninha...**

Data: 03/12/11

*Estava bastante ansiosa para chegar à ONG, imaginando diversos cenários para o meu encontro com os jovens, sentimento que se agravou no momento em que entrei na sede. Além de não haver ninguém na recepção para me receber, o maior problema foi que lá de fora ouvi algum tipo de reunião que estava acontecendo no refeitório. Digo que ouvi pois a responsável- que estaria ali para me receber - estava falando muito alto sobre os preparativos de uma festa que teriam na semana seguinte. Falava alto e energicamente dizendo que eles não prestavam atenção, que não respondiam às perguntas, que não cumpriam as tarefas para as quais haviam se disponibilizado anteriormente. Mesmo estando de fora, senti que talvez meu encontro pudesse não ser tão tranquilo. Aguardei até que ela saísse de lá e viesse me encontrar.*

*Chegou até mim e pediu que eu fosse até o refeitório, me colocou sentada na roda com os adolescentes e começou a falar: "Vocês lembram da Tomiris, ela é psicóloga e está fazendo um trabalho, por isso veio conversar com vocês, então os que têm mais de doze anos podem participar, é isso né?". Concordei e expliquei que, como já havia dito para a maioria, eu estava convidando quem quisesse participar de um encontro comigo, onde faríamos algumas atividades.*

*A responsável pediu que quem topasse levantasse a mão e muito timidamente os braços foram se erguendo – um precisando ver se o outro aceitaria, para só então se comprometer – e os outros foram saindo. Nisso tudo, minha expectativa já estava alta e confesso que me sentia um pouco ansiosa com a situação, brigando comigo mesma para me acalmar e simplesmente possibilitar que o encontro acontecesse, fosse como fosse.*

*Dez jovens toparam participar do encontro, sendo quatro meninas e seis meninos. No entanto, apenas uma menina e cinco meninos permaneceram até o final. Duas meninas saíram no meio para o ensaio do sapateado. Os demais preferiram sair, sem alegar motivos específicos. Demorei a conseguir ser ouvida pelo grupo, não tentei elevar minha voz, não estava disposta a fazer isso, queria mostrar que independente do nível de bagunça deles, eu tentaria não perder a calma. Aos poucos, conforme fui espalhando o material no chão -folhas sulfite, canetinhas hidrocor, giz de cera, lápis de cor, lápis grafite, apontador e borracha-, eles foram silenciando e se aproximando. Quando percebi que era possível ser ouvida, apresentei-me novamente e expliquei que gostaria de propor algumas atividades para eles. Também expliquei que a participação era livre e que poderiam sair a qualquer momento, sem problema algum. Todos concordaram e então expliquei o quanto gosto de trabalhar com pessoas da idade deles, meu interesse por todo universo que vivenciam e, por esses e outros motivos, é que estava ali.*

*Notei que estavam ficando ansiosos, então resolvi explicar a primeira parte. Disse-lhes que gostaria que desenhassem um adolescente dos dias de hoje, esclarecendo que poderiam fazer isso segundo sua*

*imaginação, como quisessem. Meu pedido gerou nova agitação. Começaram a falar todos juntos novamente, dizendo coisas como "ah doninha, o que que a gente vai desenhar?", "eu não sei desenhar dona", "eu não vou fazer nada, nem sei o que fazer", "Vou desenhar bebidaaaaa (risadas)". No entanto, todos foram pegando folhas e materiais para desenhar. Percebi que um dos meninos ficou bastante irritado, dizendo que não sabia desenhar e que não faria nada, o que levou os outros a ridicularizarem a situação e o garoto, deixando-o bastante nervoso. Empurrou uma cadeira e saiu da sala batendo a porta. Nesse momento pedi a atenção de todos e reforcei que cada um poderia fazer o que quisesse, que não tinha problema o desenho não sair perfeito, que eu mesma só sabia desenhar bonecos de palitos e que não deveriam se preocupar com nada de certo e errado, mas sim em fazer aquilo que estivessem com vontade. Disse que poderiam ficar desenhando e que já voltava, pois fui atrás do garoto que saiu bravo. Encontrei-o e perguntei o que havia acontecido. Explicou-me que não sabe desenhar e que não queria fazer e nem que os outros ficassem "pegando no seu pé". Expliquei que não tinha problema e convidei-o novamente, mas ele disse que não. Perguntei se depois que terminasse com o grupo, concordaria em conversar só comigo e ele aceitou. Fiquei aliviada, pois senti que parecia bem angustiado, mas que também tinha vontade de participar<sup>15</sup>.*

*Voltei para a sala. Todos estavam desenhando e conversando, num clima de bagunça, mas que não parecia um caos. Na verdade, o ambiente estava bastante aconchegante e fiquei contente com esse momento. Com a minha volta, começaram a falar um pouco sobre o que estavam fazendo "Dôna, to fazendo a Isabella, você vai ver o que ela apronta", "Eu fiz um cara com bebidas, mas não sou eu heim". Tentei ir participando dos comentários, abrindo possibilidades de conversarmos sobre as coisas que*

---

<sup>15</sup> De fato, após o encontro, conversei um pouco com esse garoto, que não aceitou realizar os desenhos, mas me contou sobre sua tristeza por não poder participar das aulas de sapateado. Pedi sua autorização dele para conversar com a responsável e ele aceitou. No fim de tudo, conversei particularmente com ela sobre minhas impressões sobre ele, evitando exposições desnecessárias.

estavam trazendo, mas parecia que pouco me ouviam por estarem entretidos com suas criações.

Havia um ar de descontração agradável e pareciam bem colocados no espaço, um refeitório, mas que também servia como sala para outras atividades e contava com materiais diversos, tais como instrumentos musicais e armários. Alguns andavam pela sala e depois voltavam ao seu desenho, o falatório era geral, mas o ambiente me parecia acolhedor. Entre conversas e alguns "entra e sai", fui percebendo que aos poucos terminavam. Um dos meninos não conseguia fazer seu desenho, começava e dizia não estar bom, iniciava outro, mas senti que talvez não estivesse dando conta de se expressar pelo desenho. Para tentar dar um contorno ao momento, falei que quem não tinha terminado poderia ir terminando e que, conforme fossem finalizando, queria que escrevessem uma história sobre o desenho que fizeram. Houve um tumulto geral, pois alguns não queriam escrever, reclamaram muito de ter que fazer isso, alguns ameaçaram nem participar mais. Tentando acalmá-los, expliquei que seria legal se conseguissem, mas que estaria tudo bem se não escrevessem nada, se achassem melhor assim, deixando a critério deles escolher escrever ou não. Disse que no final, quando fôssemos conversar, seria possível falar sobre alguma história também. Refletindo depois, talvez eu tenha mexido numa questão bastante complicada, uma vez que nem todos ali sabiam escrever, fato que só percebi posteriormente.

Novamente, conforme percebi que estavam finalizando, e com isso dispersando a atenção, falei que não precisavam se apressar, mas que eu já iria pedir a segunda parte. Assim, quem já tivesse terminado, poderia começá-la. Isso causou certo alvoroço, o falatório foi geral, uns queriam mostrar, outros diziam não querer fazer mais. Entre toda essa confusão, fui tentando ganhar espaço e pedir que me ouvissem, o que aos poucos foi acontecendo. Quando foi possível, pedi que após desenharem o adolescente dos dias de hoje, o próximo passo seria desenhar esse adolescente de hoje daqui dez anos. Minha sensação foi a de que parecia

*que minha solicitação era o maior absurdo que eles já tinham ouvido. Unânime e sonoro foi o "ah não, dona!".*

*Começaram a circular pela sala. Um se sentou frente à bateria e começou a tocar de forma bem barulhenta. Outro pegou um pandeiro e também se pôs a tocar, enquanto os demais falavam sem parar. Por um momento me senti paralisada, tentando entender o que estava acontecendo, sem saber como conseguir contornar tamanha confusão.*

*Tentava entender o que eles poderiam ter sentido com o meu pedido, que provocava dispersão e instalação de um verdadeiro caos naquele ambiente, há pouco, tão acolhedor. Optei por assumir a postura de tentar me aproximar deles, da forma como estavam se apresentando naquele momento. Fui até a bateria, onde um deles batucava num tom um pouco alto demais e sem um ritmo definido, disse que sempre quis tocar, mas nunca cheguei a tentar e perguntei se era muito difícil. O garoto pareceu surpreso e até mesmo desconfiado, mas em seguida decidiu conversar, dizendo não ser tão difícil e que eu tinha só que prestar atenção nas batidas. Fiquei um pouco ali e conforme a altura do batuque foi diminuindo e até ganhando certo ritmo, fui até o menino com o pandeiro e comentei que também já tentei tocar, mas sempre me descordenava no meio. Pedi se podia tentar, ele também pareceu surpreso, mas me passou o instrumento sem pestanejar. Tentei mostrar o pouquíssimo que sabia e ele disse: "ô dona, você não é ruim não, só tem que pegar o jeito". Agradei e aproveitei o ambiente, já menos barulhento, para dizer que desenhar os adolescentes que desenharam hoje, daqui dez anos, não era tão difícil assim, era só imaginar o que eles acham que poderia acontecer daqui dez anos, onde um jovem poderia estar depois de dez anos.*

*Percebi pelos comentários- dez anos é muito tempo, já vou estar velho - que essa realidade de futuro parecia ser algo muito distante para eles. Assim, fui me dando conta das diferenças entre minhas expectativas aos quinze anos, e aquelas que eles poderiam ter. Tentei exemplificar dizendo que eu era eles dali a dez anos, falei que tinha 25 anos e que dez*



*anos atrás eu tinha a mesma idade deles. Pensando agora, pode até ser que em relação à idade eu pudesse mesmo ter dito que era como eles, mas no que diz respeito às condições sociais, nossas realidades são muito diferentes. Se eu tivesse sentido isso no encontro, poderia ter compreendido melhor a dificuldade deles em se imaginarem hoje e, mais ainda, daqui a dez anos.*

*Aos poucos eles foram, à sua maneira, tentando fazer o que pedi. Entre falatórios, risadas, silêncios e histórias entrecortadas, senti que o clima foi ficando menos angustiante novamente, passando para um momento de brincadeira, descontraído e bem mais leve que há alguns minutos. Fiquei por perto, mas sem interferir, falando e ajudando apenas conforme me requisitavam. Nesse tempo, comentários como "Nossa dona, olha como ele desenha mal!"; "Doninha, eu tô fazendo aqui, mas não sou eu não viú"; "Já acabei!". Esse garoto em particular eu me aproximei, pois ele me chamou para dizer que já havia terminado e me mostrou o verso da folha, apenas com uma frase, simbolizando que o jovem tinha morrido. Essa segunda etapa foi tomando fim de modo bem mais rápido. Não sei dizer se já estavam enjoados, se a proposta despertou muita angústia ou se era uma soma de tudo isso, mas senti que, de certa forma, pareciam querer encerrar. Perguntei quem já havia terminado e só dois disseram que ainda não. Pedi, então, aos demais para esperarem mais um pouco e que poderiam usar mais folhas, conversar, só não fazer muito barulho, para não atrapalhar quem não tinha terminado. Meu pedido foi ouvido e sentia que estavam mais tranquilos, conversando, brincando um com o outro, sendo jovens.*

*Depois que os dois últimos terminaram, pedi que todos sentassem numa roda, para conversarmos. Fui atendida no tempo deles, recheado por gracinhas, relutância em cumprir o que eu estava propondo e muita conversa. Mas a roda se formou e iniciei agradecendo muito a participação deles. Disse também que agora poderíamos conversar sobre o que quisessem, poderia ser sobre os desenhos e suas histórias, sobre o encontro, dizer o que acharam, ou qualquer outra coisa, que não teria*

*problema, eu não ficaria chateada com nenhum tipo de colocação e que não olharíamos para nada como sendo certo ou errado, mais importante ou menos, mais feio ou mais bonito. Houve um momento de hesitação até que o primeiro resolvesse se colocar. Foi um menino, Romarinho<sup>16</sup>, que começou a mostrar seu desenho, despertando murmurinhos. Contou que havia desenhando uma das meninas ali presentes, e que "tinha feito ela com bebidas porque ela gosta de tomar uns gorós, de ficar doidona nas festas".*

### *"Parte 1: Os bêbados*



*Era uma vez uma garota que se chamava Karem. Ela não respeitava os pais. Todos os dias ela ia nas baladas para encontrar os amigos. Eles se chamavam Douglas Miguel e Thais; esses garotos gostavam de beber muito e sempre levavam a Karem para encher a cara de bebida alcóolica. Até que num dia eles beberam tanto e sofreram um acidente. Foram parar no hospital, mas os amigos de Karem não sobreviveram ao acidente. A Karem percebeu que beber muito causa perdas a alguém e nunca mais ela quis beber outra vez.<sup>17</sup>*

*Perguntei por que ele optou por desenhá-la e ele disse que é porque gosta muito dela. Questionei se ela estava à vontade de ter sido desenhada e ela disse que sim, que não tinha problema. Pedi que contasse onde essa menina estaria daqui a dez anos e ele falou que morta, pois é isso que no fim acaba acontecendo com quem bebe, e*

<sup>16</sup> Lembramos ao leitor que todos os nomes foram trocados por nomes de jogadores de futebol que já passaram pelo Corinthians.

<sup>17</sup> Na história em questão, aparece mais de um adolescente morto, pois foi uma criação baseada nos fatos reais do acidente que vitimizou a colega deles, porém não era a história exata do acontecimento.

*acabou tentando dar uma pequena lição de moral na garota que havia desenhado, dizendo que esse seria o fim dela.*

*"Parte:2 O Trabalho de Karem  
Passou-se dez anos que os amigos de Karem foram mortos. Depois que a Karem saiu do hospital, ela terminou os estudos, terminou a faculdade e comessou a trabalhar. O primeiro emprego foi cozinheira, o segundo lixeira, mas o terceiro foi o mais estranho, ela trabalha de coveira. Assim ela poderia visitar seus amigos todos os dias."*



*Escutei que falavam, entre si, sobre o acidente da colega. Esta era, portanto, a primeira vez em que presenciei menção a este fato. Neste momento, pedi que me deixassem a par do assunto. Explicaram-me o ocorrido de forma mais ou menos confusa, contando então sobre a colega que havia se acidentado após sair de uma festa. Tanto ela quanto o motorista do carro que a atropelou estavam alcoolizados. Então, após passar um tempo em coma em um hospital público, essa colega havia falecido. Perguntei como eles se sentiam com isso, se queriam conversar sobre esse acontecimento, mas disseram que não, que era assim mesmo. Senti-me tocada de ver como isso parecia banal para eles, apesar de parecer que essa história estava presente, como um fantasma entre nós. Refleti se isso era em função desse tipo de situação já estar, de fato, banalizada, a ponto de ser quase um evento cotidiano, ou se poderia ser uma forma de defesa. Isso me fez ficar pensando quase numa roleta russa, brincadeira na qual os envolvidos rodam o cartucho de uma arma,*

que conta com apenas uma bala, e atiram, então qualquer um pode ser o próximo "sorteado" a morrer.

Em seguida, por sugestão de Romarinho, a única garota presente no encontro, Rosinéia, mostrou suas produções. Ela tinha um jeito oscilante entre tímida e malandra, mas sua apresentação pareceu ressaltar seu lado tímido. Impactei-me imediatamente, pois mostrou seu desenho, aparentemente nada angustiante, pois era colorido e bem feito, mas em seguida leu o título: a história da menina morta. Sua história também fazia referência ao acidente, ressaltando a sensação fantasmagórica presente ali conosco, quase nos assombrando.



"História da menina morta:

Dia 07/10/2011 uma menina que gosta de sair, vai a balada ela dança muito na saída da balada ela é atropelada e vai ao hospital gravemente ferida, ela fica dois meses em coma até que os médicos decidem que não dá mais e desligam os aparelhos ela então morre...Dois dias depois ela volta e assombra o médico até hoje."

Perguntei novamente se ela, ou alguém, queria acrescentar algo sobre essa experiência, mas ninguém se manifestou e ela começou a mostrar o segundo desenho, esse sim um pouco mais perturbador. Várias figuras humanas numeradas, sem cor e com uma frase: 27 filhos. Em seguida, leu a história, rotulando uma identidade para cada grupo dos filhos (gêmeos, bagunceiros, grávida, emos), chamando bastante minha atenção.



*"A mulher teve 27 filhos, 4 são gêmeas, 2 emos, 8 crianças, 3 adolescentes, 1 filha grávida, 3 bebes, 5 bagunceiros. Ela mora numa minúscula casa."*

*Perguntei o que ela queria dizer com esse desenho e ela disse que não sabia, que era isso, uma mãe que teve muitos filhos, morando numa casa pequena. Perguntei o que resto do grupo achava disso, mas ninguém fez nenhum comentário. Mesmo não estando em silêncio, não falaram sobre os desenhos dela, mas talvez estivessem "sendo" o desenho dela, dispersos, inúmeros, característicos.*

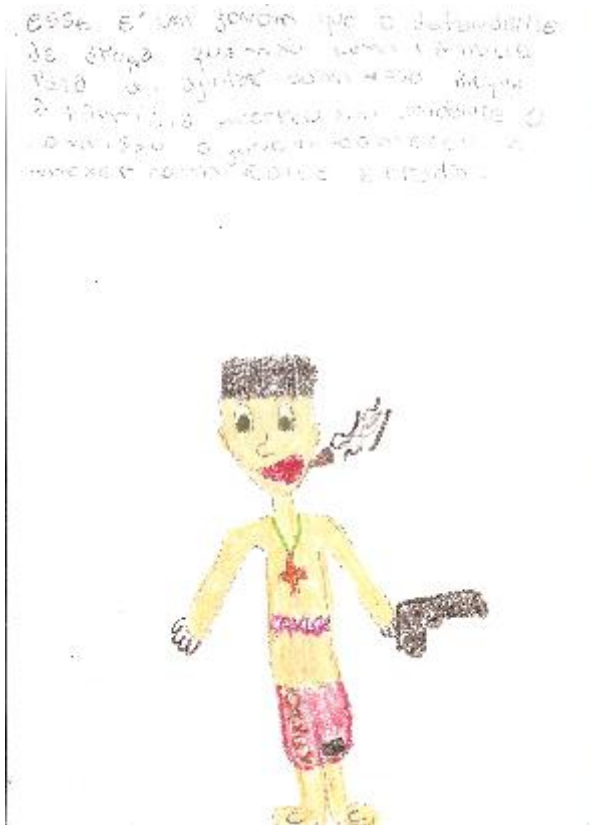
*Perguntei então se alguém queria ser o próximo e um deles disse quealaria. Danilo nos mostrou rapidamente o seu desenho, no qual o jovem de hoje tinha olhos vermelhos pelo uso de maconha e o daqui dez anos estava com o nariz vermelho, pelo uso de pó.*



*Tentei questionar se, para ele, ou para eles, as drogas são parte da vida dos jovens hoje e quem sabe também no futuro e eles disseram que sim. Na verdade foram se alvoroçando, falando coisas como "é isso aí dona, tem muito maluco que é assim; a gente não, mas os adolescentes hoje são isso aí; é só isso que você vai ver, drogas, bebidas". Tentei dizer algo que, se como eles estavam me contando eles não são assim, então existem sim outras coisas que podem associar-se a eles, mas que parece que as drogas são muito marcantes e fazem parte do dia a dia, como uma coisa comum para eles. Ainda em clima de alvoroço, concordaram comigo e começaram a tentar fazer com que alguém fosse o próximo, até que Cássio se candidatou, dizendo: "Deixa que eu vou, assim já me livro logo".*

*Apresentou seu desenho, um jovem com um cigarro e uma arma, e leu a história na qual o adolescente era drogado por não ter família, colocando a droga como algo errado. Antes de eu poder dizer algo, falou que dez anos se passaram e o jovem morreu. O desenho do jovem deitado foi desenhado posteriormente a sua apresentação. Tentei perguntar se eles concordavam que não ter apoio da família podia levar a seguir caminhos errados e a maioria concordou, um deles até mencionou*

que família é a base, é tudo, mas não consegui saber quem foi e quando perguntei não me disseram.



"Esse é um jovem que é dependente de droga que não tem família para o ajudar com isso porque a família morreu em acidente e com isso o jovem começou a mexer com coisa errada"

Essou-se → 10 anos

Dois pontos me chamaram a atenção: o fato de novamente aparecer um acidente que tira a vida



de alguém importante e a forma como foi colocado o discurso sobre drogas, parecendo mais um discurso pronto do que uma crença deles mesmos. Em paralelo, estava sentindo que a atenção deles ia se dispersando cada vez mais, alguns pareciam um pouco impacientes, estava difícil mantê-los envolvidos, ou até mesmo conversando em grupo.

No entanto, um deles, que estava mais quietinho, Ralf, filho da funcionária administrativa, fato que descobri nesse momento em que disse que queria falar do seu, pois os outros começaram a azucriná-lo, mostrou seu desenho, passando por cima dos comentários dos colegas. O primeiro era um adolescente "rockeiro", que dizia não se importar por ter esse título. Já o segundo era sobre esse jovem, que havia se acidentado

no caminho de um show, precisando de uma cadeira de rodas para sempre.



Minha primeira pergunta foi se ele gostava de rock e, para minha surpresa, sua resposta foi que não, disse que "roqueiros eram todos maloqueiros, que faziam coisas erradas, desobedeciam e sempre se davam mal, disse que gosta das músicas da igreja e que essas coisas são erradas pelo que aprende lá". Alguns dos meninos, os menos tímidos, trouxeram falas como "Jesus é o senhor" e outras coisas religiosas, mas



*novamente senti um discurso pronto, não pelo que apresentou o desenho em questão, pois me pareceu realmente estar em contato com questões de igreja. Perguntei se mais alguém ali compartilhava dessa opinião e Cássio, que havia apresentado o desenho do menino sem família, disse que não, que gosta de rock e acha que não tem nada a ver, já Romarinho disse que detesta rock, que os caras só gritam e aquilo não é música. Comentei que quando o assunto era música eles pareciam se envolver e aproveitei para perguntar que tipo de música cada um gostava. A grande maioria respondeu funk e pagode e o mais espoleta de todos, Emerson, até começou a cantar um funk, ao que outros dois fizeram um batuque. Participei batendo palmas, cantou até que a música falaria algo explícito de sexo e eles pararam, rindo muito. Perguntei por que haviam parado, disseram que era porque viria besteira, quis saber que tipo de besteira. Riam muito e pareciam muito envergonhados, até que alguém falou que era sexo, dei uma risada também e disse que não sabia que sexo era besteira, que estava imaginando algum palavrão muito feio que eu poderia nem conhecer, mas que de sexo a gente ouve falar em muitos lugares, vê na TV e nas músicas.*

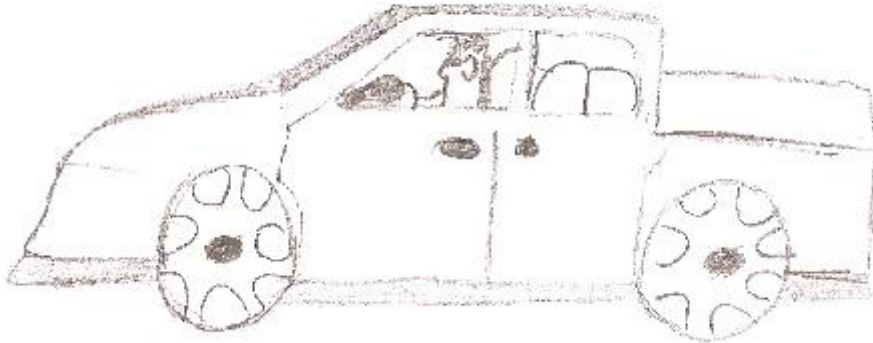
*Minha colocação gerou alvoroço geral: "olha a dona que gente boa, a dona fala de sexo, a doninha não vai xingar a gente porque falamos disso". Novamente tive uma percepção do discurso comprado sexo=besteira, como se não falar disso fosse prevenir de acontecer algo. Perguntei se eles tinham vontade de conversar sobre isso, pois ali seria um espaço no qual seria possível, mas disseram que não, para deixar pra lá e começaram a incentivar, talvez pressionar fosse uma palavra melhor, Emerson, o mais bagunceiro de todos a mostrar logo seu desenho, pois só faltava ele e assim iria acabar logo. Ele foi o garoto que me dei conta que não sabia escrever, pois ficou extremamente incomodado com meu pedido*



*da história. Falei para ele, em particular, que tudo bem só desenhar e ele desenhou, mas ficou evidente seu desconforto. Aparentava ser um pouco líder do grupo e no momento em que pedi a história foi como se sua fraqueza fosse evidenciada perante os outros, talvez por isso ele tenha bagunçado tanto, várias vezes tentando tumultuar o ambiente. Apesar de tudo, resolveu mostrar seus desenhos. No primeiro havia um jovem com um cigarro e uma blusa com uma folha de maconha, que ele disse "ser o que os jovens de hoje são, fumam, tanto cigarro quanto maconha, e têm que ser espertos. Daqui dez anos esse jovem virou*

*chefe do tráfico num carrão importado".*

*Disse que acha que é isso que acontece, quem consegue ser chefe do tráfico ou amigo do chefe, consegue ganhar muito dinheiro e se dar bem na vida, mas que tudo isso não tinha nada a ver com ele. Claro que os outros riram e brincaram bastante, dizendo que tinha sim, que ele era aviãozinho, que quer ser traficante e que é do mundo das drogas.*



*Como foi virando bagunça, tentei ressaltar e questionar que, independente de ser ele ou não, o que ele tinha nos contado é que talvez uma forma de "se dar bem" é entrar para o tráfico e se era isso mesmo, se concordavam. Achei interessante que todos disseram que não, que o tráfico era uma coisa ruim e não um meio de vida, Danilo, o do desenho maconha/cocaína, ficou mais quieto, me passando uma impressão de que consideraria sim, talvez, o trafico como um meio de vida, mas achei melhor não questionar isso. Perguntei para o grupo quais seriam outros meios de viver e Romarinho disse que era trabalhar, que ele queria entrar na guardinha, pra começar a ganhar algum dinheiro e ajudar na sua casa. Todos concordaram que trabalhar é preciso, ou até mais, necessário. Questionei se mais alguém tinha ideia de onde gostaria de trabalhar, do que teria vontade de fazer, mas a bagunça foi tomando conta, estavam andando pela sala, não me respondendo e perguntando se já tinha acabado. Pedi mais um minutinho então e decidi encerrar.*

*Agradei muito a eles, falei que tinha sido muito legal poder estar ali, que tinha sido muito especial e importante para mim. Falei que esperava que eles também tivessem gostado e que iria deixar meu email com eles, caso quisessem falar comigo. Aproveitei para pedir que assinassem o termo de consentimento, explicando-lhes do que se tratava. Também lembrei que voltaria para a festa de Natal<sup>18</sup>, uma semana depois, e se*

---

<sup>18</sup> Eu de fato voltei para a festa, fui muitíssimo bem recebida por eles, que me agradeceram pelo encontro, dizendo ter sido muito legal. Fiquei por um tempo por lá, mas ninguém quis perguntar ou conversar qualquer coisa.

*alguém quisesse falar ou perguntar algo eu estaria à disposição. Questionei se alguém queria falar mais alguma coisa, mas ninguém se manifestou. Sem que eu precisasse pedir, começaram a guardar os materiais, ajudando-me a deixar a sala em ordem. Confesso que isso me surpreendeu, pois eu não estava esperando, mas acho que representou que um vínculo de respeito foi estabelecido entre nós. Todos me agradeceram e foram saindo, alguns vieram me abraçar, outros simplesmente saíram.*

### **3.2 Campos de Sentido Afetivo-Emocionais ou Inconscientes Relativos**

Apresentamos, a seguir, os quatro campos selecionados a partir da criação/encontro interpretativo do material apresentado anteriormente. Importante ressaltar que utilizamos o termo selecionado, pois acreditamos que existem outros campos de sentido-afetivo emocional, ou inconscientes relativos, possíveis de serem criados/encontrados por outros pesquisadores, ou até mesmo pelos mesmos pesquisadores, em outros momentos. Para esse estudo, selecionamos aqueles que saltaram aos nossos olhos e fizeram sentido a luz da experiência vivida nos encontros,

durante as associações livres, tanto individuais quanto coletivas. No capítulo seguinte traremos interlocuções reflexivas que surgiram a partir dos campos selecionados.

O primeiro campo que apresentamos é denominado **Quem será o próximo?**. Tal campo é regido pela regra lógico-emocional de que o mundo seria um lugar arriscado e perigoso, onde acidentes mortais ou incapacitantes poderiam ocorrer de modo frequente.

Um segundo campo de sentido-afetivo emocional é o que denominamos de **Aprisionado no acontecer**. Trata-se de inconsciente relativo que tem como crença lógico-emocional a impossibilidade de escapar de um acontecer, que se torna, então, interminável.

Já o terceiro campo de sentido afetivo-emocional, ou inconsciente relativo, denominado **Mais do mesmo**, seria regido pela crença lógico-emocional de que o futuro não é visto como algo que traz consigo novas possibilidades de existência, na medida em que amanhã seria mera repetição do hoje.

Finalmente, o quarto campo selecionado é o que chamamos de **Por nossa conta e risco**. Esse campo é regido pela regra lógico emocional de que crianças e adolescentes devem ser protegidos e cuidados por adultos.

## **CAPÍTULO 4**

### **CANTOS E CONTRACANTOS: INTERLOCUÇÃO REFLEXIVA SOBRE OS CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL**

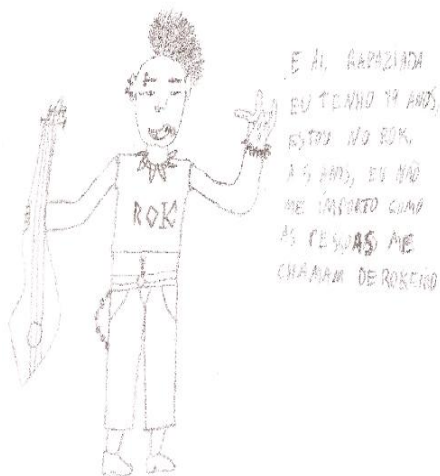
Apresentamos a seguir algumas reflexões e interlocuções, elaboradas a partir das associações sobre os campos criados/encontrados, em busca de compreender melhor essa personalidade coletiva que é o adolescente em situação de precariedade social diante da morte de um coetâneo com quem conviviam proximamente. Esperamos conhecer o drama que vivenciam, para melhor atendê-los, a partir do uso de enquadres clínicos diferenciados<sup>19</sup>. Tais enquadres foram idealizados de modo a permitir que

---

<sup>19</sup> Os enquadres diferenciados correspondem a uma proposta clínica que vem sendo desenvolvida na "Ser e Fazer": Oficinas Psicoterapêuticas de Criação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São formas de atendimentos, em busca de favorecimento de experiências mutativas por meio da apresentação de materialidades

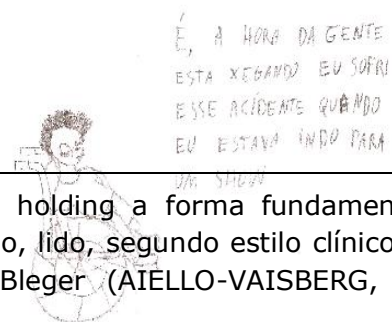
o conhecimento psicanalítico possa ser estendido a parcelas da população que tem sido historicamente excluídas da possibilidade de obter este tipo de cuidado (AMBROSIO, 2013).

Criamos/encontramos, inicialmente, um campo de sentido afetivo-emocional que denominamos **“Quem será o próximo?”**. Tal campo, ou inconsciente relativo, define-se pela crença lógico-emocional de que o mundo seria um lugar arriscado e perigoso, onde acidentes mortais ou incapacitantes poderiam ocorrer de modo frequente. À guisa de ilustração, apresentamos, a seguir, produções que emergem a partir deste campo.



*“E ai rapaziada, eu tenho 19 anos, estou no rok a 5 anos, eu não me importo como as pessoas me chama de rockeiro”.*

Em seguida conta, em seu segundo desenho-estória, após desenhar um jovem com características de rockeiros conhecidos numa cadeira de rodas:



mediadoras, preferencialmente em grupo, tendo no holding a forma fundamental de intervenção. Inspiram-se no pensamento winnicottiano, lido, segundo estilo clínico Ser e Fazer, a partir das exigências metodológicas de Bleger (AIELLO-VAISBERG, 2004; AMBROSIO, 2013).

*"É a hora da gente ta xegando, eu sofri esse acidente quando estava indo para um show".*

Acreditamos que os jovens comunicaram o medo de ter a vida e as possibilidades interrompidas por uma situação dramática, na qual um acidente, ou uma situação difícil, vem e rouba um futuro até então passível de ser construído. Como vemos, é aqui imaginado um amanhã claramente desafortunado, no qual sobreviverá como cadeirante. Este participante usou, portanto, o momento da entrevista coletiva para expressar emocionalmente uma experiência de interrupção dramática do viver<sup>20</sup>.

Ora, evidentemente a maioria das pessoas adultas sabe e reconhece, em alguma medida, que são mortais. Os mais amadurecidos emocionalmente conseguem manter um posicionamento mais integrado diante desta perspectiva, enquanto os mais imaturos defendem-se por meio de estratégias dissociativas, mediante as quais mantêm esse conhecimento num plano teórico, desacreditando, segundo diferentes formas, na própria finitude. Entretanto, seja qual for o modo como lidamos com a perspectiva da morte pessoal e dos demais, esta será sempre, na perspectiva winnicottiana, fruto de um processo de amadurecimento emocional que depende da vigência de um ambiente cultural suficientemente bom.

Assim, quando existimos a partir de uma posição mais amadurecida, podemos nos conduzir de modo mais autêntico e integrado. Quando o percurso pessoal não permitiu, por circunstâncias menos afortunadas, um amadurecimento saudável, criamos, defensivamente, estratégias de

---

<sup>20</sup> O conceito de interrupção dramática do viver se refere a condição de desamparo e extrema aflição vivenciada por pessoas que chegaram a se desenvolver como pessoais totais (VITALLI, 2004, MEDEIROS; AIELLO VAISBERG, 2010). Difere, portanto, da noção winnicottiana de interrupção da continuidade de ser, usada para descrever intrusões ambientais que lançam os bebês na vivência de agonias impensáveis (WINNICOTT, 1963).



defesa que, na teoria winnicottiana, são pensadas como uma espécie de prótese, de caráter protetor, conhecida como falso self (WINNICOTT, 1960). Contudo, tanto os indivíduos mais integrados, quanto os mais dissociados, parecem manter, quando há preservação intelectual, o conceito de mortalidade de modo claro, provavelmente assentado sobre as noções fundamentais de irreversibilidade, não-funcionalidade, universalidade e personificação (PIAGET, 1964; SPEECE; BRENT 1984; TORRES, 1979; FAVERO; SALIM, 1995; NUNES et al, 1998)<sup>21</sup>.

De todo o modo, é fundamental ressaltar, quando consideramos a questão de como as pessoas chegam a essa condição mais integrada, ao longo do processo do amadurecimento emocional, que esta depende, na perspectiva winnicottiana, daquilo que o ambiente oferece. Inicialmente, o ambiente figurou, nos escritos deste psicanalista, como sinônimo de cuidados maternos e familiares. Entretanto, ao longo de sua obra, foi paulatinamente ampliado, permitindo que hoje compreendamos esta noção em sentido ampliado como ambiente social, cultural e geopolítico (AIELLO-FERNANDES, 2013; AROS; AIELLO-VAISBERG, 2009). Tal visão exige que consideremos o modo como a sociedade em que vivemos lida com a morte. Uma visão sintética e precisa é oferecida por Kóvacs (2010):

“O século XX traz a morte que se esconde, a morte vergonhosa, como fora o sexo na era vitoriana. A morte não pertence mais à pessoa, tira-se a sua responsabilidade e depois a sua consciência. A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida. Não há mais sinais de que uma morte ocorreu. O grande valor do século é dar a impressão de que “nada mudou”, a morte não deve ser percebida. A boa morte atual é a que era mais temida na Antiguidade, a morte repentina, não percebida. A morte “boa” é aquela em que não se sabe se o sujeito morreu ou não.” (KOVACS, 2010, p. 39)

---

<sup>21</sup> Claro que existem exceções, tais como os esquizofrênicos que, mesmo quando intelectualmente preservados, confundem sua morte pessoal com o final do mundo, em função do fato de viverem emocionalmente em estado fusional.

Este movimento de ocultação da morte, que deixa de poder ocorrer no ambiente doméstico, para ser banida para espaços institucionais, é, hoje, evidente. Certamente afeta o modo como as pessoas podem elaborar psiquicamente, ao longo do processo do amadurecimento emocional, este aspecto da condição humana. Entretanto, como vivemos numa sociedade estruturada a partir de desigualdades sociais, não nos surpreende constatar que enquanto vários segmentos da população, certamente os mais privilegiados, têm-se visto apartados da convivência com a morte e o morrer, outros são lançados a confrontos desprotegidos com a violência e a doença mal assistida, num face-a-face brutal com a morte. Deste modo, torna-se inevitável uma experiência traumática, geradora de angústia que pode superar as capacidades presentes de elaboração. Pensamos que esta angústia, pode adquirir matizes paranoides ou depressivas, conforme a personalidade daquele que habita esse campo (BLEGER, 1963).

Podemos, assim, constatar que, na vida urbana atual, crianças e adolescentes de classes medias e abastadas tendem a ser poupados da visão da morte, enquanto pessoas idosas e/ou doentes acabam sendo tratados em instituições (KÓVACS, 2005; COMBINATO; QUEIROZ, 2011; MANNA, 2013). Este tipo de proteção<sup>22</sup> parental não existe, por outro lado, nas camadas menos favorecidas.

Focalizando a adolescência, que é o tema desta pesquisa, lembramos que a rigor usamos este termo para descrever condições eventualmente bastante diversas. Assim, temos de um lado as classes abastadas, no âmbito das quais este período intermediário, entre a infância e a vida adulta, torna-se cada vez mais duradouro, enquanto observamos, nas camadas desfavorecidas, um desamparo que coloca o jovem em situações

---

<sup>22</sup> Não acreditamos que banir idosos e doentes da vista de crianças e adolescentes tenha efeito verdadeiramente protetor, pois se trata de iniciativa que nasce no bojo do movimento social de ocultação da morte, enfatizado por Kóvacs (2010). Cuidado verdadeiro corresponde, ao contrário, em apresentação da realidade que leve em conta as capacidades emocionais em desenvolvimento ou já instaladas e consolidadas.

existenciais marcadas por grande desconforto (BARUS-MICHEL, 2005). Dessa forma, ficam muitas vezes expostos, sem sustentação do ambiente, a realidades da vida, que inclui o defrontar-se com a morte.

Por outro lado, há que se reconhecer que, seja qual for a classe social em que se insira o adolescente, é sempre diferente acompanhar, por exemplo, um avô que morre idoso, depois de anos de doença, cadeirante ou acamado, de saber que um jovem, alguém de sua própria faixa etária, perde a vida por ação de causas externas. Neste caso, uma possibilidade, que provavelmente se mantinha no horizonte como evento de baixíssima probabilidade de ocorrência, passa a ser vista como algo que pode ocorrer "com um de nós". A morte ganharia, assim, contornos mais concretos, exigindo, portanto, defesas mais fortes para lutar contra o medo e a angústia.

A situação que aqui focalizamos, vale dizer, a morte de uma colega por atropelamento, pode, portanto, despertar angustias de linhagem identificatória. Este é um dos modos pelos quais os seres humanos podem se ver subitamente próximos de algo que, até o momento, poderia estar sendo defensivamente ignorado. Claro que não acreditamos que esta forma de aproximação da morte pode ser equiparada a outras situações, nas quais a própria pessoa sofre um acidente crítico, potencialmente letal, ou vem a receber o diagnóstico de uma doença grave. Pudemos estudar psicanaliticamente, em nosso grupo, a condição de morte anunciada no caso de pacientes soropositivos para HIV (MENCARELLI, 2003) e também a condição emocional de pacientes acometidos por uma doença neurológica progressiva e fatal (VITALLI, 2004). Tais investigações revelaram especificidades que permitem distinguir claramente situações em que a pessoa se encontra em posição de risco, por apresentar doença grave, e aquela que aqui focalizamos, na qual um adolescente se identifica, assustado, com uma colega que morre acidentalmente, percebendo que ele próprio e seus coetâneos não são imunes à morte

acidental. Entretanto, se os adolescentes que entrevistamos não se encontram tão próximos da morte quanto doentes diagnosticados com quadros absolutamente severos, há que lembrar que muitos compartilham, com a garota que veio a falecer, os mesmos hábitos de exagero na ingestão de bebidas alcoólicas e de frequência a festas. Tais hábitos podem resultar na exposição a motoristas, eventualmente não sóbrios, malgrado aquilo que determina a lei brasileira, como aquele que, segundo consta, atropelou a adolescente com a qual conviviam os participantes deste trabalho.

Se predomina, entre estes jovens, uma experiência emocional de risco, de perigo, certamente enfrentarão muitas angustias, o que pode prejudicar sua capacidade de sonhar e de serem curiosos. Afinal, somente quando se usufrui de certa estabilidade, que cabe ao ambiente social e familiar prover, a adolescência pode ser vivida de modo mais saudável, como um período de novidade, de descobertas e de mudanças. Esta questão assume importância fundamental no contexto dos debates a que se dedicam psicanalistas que adotam o pensamento winnicottiano como referência, pois quando insegurança e medo ocupam grande parte do mundo pessoal, a possibilidade de experimentar gestualidade espontânea, criativa e brincante, que depende da disponibilidade de um ambiente suficientemente bom, fica, evidentemente, comprometida.

Em um estudo com adolescentes acerca da morte de pares (RODRIGUES; KÓVACS, 2005), ficou evidenciado medo semelhante ao encontrado na presente investigação, tanto em relação à angústia de não ter a possibilidade de trilhar o caminho "natural" da vida, como a de não aguentar o sofrimento de perder alguém próximo. Entretanto, os jovens daquele estudo apresentaram certa dificuldade em reconhecer a possibilidade de eles mesmos virem a morrer, tendendo a imaginar que esta eventualidade associar-se-ia ao percurso vital do outro, mas não ao

próprio. Citamos, a seguir, um trecho que expressa essa questão de forma bastante clara:

“De forma geral, os adolescentes não percebem a morte como possibilidade pessoal. Mesmo reconhecendo que deveriam ter essa percepção, sempre acham que esta não poderia acontecer com eles (*“Eu não penso na possibilidade de a morte acontecer comigo”*; *“A gente deveria pensar, mas eu não penso não”*; *“... parece que eu nunca vou morrer... eu não consigo nem imaginar”*; *“...isso nunca vai acontecer comigo. Aconteceu com ele? Mas isso não vai acontecer comigo”*; *“Tem tanta gente para isso acontecer primeiro”*; *“Por que justo comigo que isso iria acontecer?”*). Os sentimentos de imortalidade e onipotência são expressos claramente, assim como já citado por Kóvacs (1992). De modo geral, a própria morte não é motivo de preocupação. Este é um aspecto sério e recorrente nos discursos dos jovens.” (RODRIGUES; KÓVACS, 2005)

Vale salientar que, em nossa pesquisa, esta posição de negação da própria mortalidade, que pode ser considerada psicanaliticamente como uma defesa, até certo ponto saudável, não se apresentou. Acreditamos ser difícil afirmar se o que obtivemos derivou do trauma vivido, com a perda da colega, ou se deriva do método investigativo, que opera por uma via transicional, usando desenhos e histórias, que busca respostas afetivo-emocionais imediatas, de caráter pré-reflexivo. De todo o modo, é importante ressaltar que o medo de serem os próximos a terem suas vidas interrompidas emergiu de forma franca e intensa na presente pesquisa. Por outro lado, o medo da perda do outro não deixou de estar igualmente presente.

Cabe aqui, ainda, uma observação que nos parece importante. O surgimento de angústia paranoide, no campo “Quem será o próximo?”, ao indicar um movimento psíquico no sentido da identificação com a adolescente morta, traz consigo uma percepção do outro como próximo e como semelhante, que deve ser considerada indicio de saúde emocional.

Essa percepção é exatamente aquela que também preside o temor de que o colega possa vir a falecer, o que se vivenciaria como angústia depressiva.

Perceber que eu e meus colegas estamos sujeitos a tudo o que acontece àquele que é vítima de infortúnio é a base da possibilidade ética do outro ser vivido como um alteridade merecedora de respeito e consideração. É também um modo de elaborar sentimentos de solidão, que estão na base de várias formas de psicopatologia. Além disso, tudo o que pode ser percebido como problema coletivo tem, potencialmente, melhor chance de vir a ser superado, pois o isolamento conspira contra a esperança e busca de soluções. Evidentemente, não esperamos que seja fácil, para adolescentes, virem a se organizar, sob forma de movimento social, ao perceber que são vítimas de injustiças que estão na base de muitas ocorrências arriscadas. Contudo, há aqui um potencial de percepção acerca do fato de não estarem diante de problemas apenas individuais, que merece ser ressaltado<sup>23</sup>.

O segundo campo intitula-se "**Aprisionado no acontecer**". Corresponde a um mundo vivencial regido pela impossibilidade de escapar de uma ocorrência da vida, que se torna, assim, interminável. O desenho-estória que trazemos, a seguir, é uma produção que emergiu a partir deste inconsciente relativo:



### *"Parte 1: Os bêbados"*

nas tais como a violência conjugal, tornam-se mais vítimas não se isolam, quando compreendem que lham do mesmo problema (CORBETT, 2014). as podem se fortalecer se puderem vivenciar seus assoas da mesma faixa etária.

*Era uma vez uma garota que se chamava Karem. Ela não respeitava os pais. Todos os dias ela ia nas baladas para encontrar os amigos. Eles se chamavam Douglas Miguel e Thais; esses garotos gostavam de beber muito e sempre levavam a Karem para encher a cara de bebida alcoólica. Até que num dia eles beberam tanto e sofreram um acidente. Foram parar no hospital, mas os amigos de Karem não sobreviveram ao acidente. A Karem percebeu que beber muito causa perdas a alguém e nunca mais ela quis beber outra vez.”*

### *“Parte:2 O Trabalho de Karem*

*Passou-se dez anos que os amigos de Karem foram mortos. Depois que a Karem saiu do hospital, ela terminou os estudos, terminou a faculdade e comessou a trabalhar. O primeiro emprego foi cozinheira, o segundo lixeira, mas o terceiro foi o mais estranho, ela trabalha de coveira. Assim ela poderia visitar seus amigos todos os dias.”*



Podemos compreender que a entrada neste campo de sentido afetivo-emocional se dê como tentativa de fuga da possibilidade de vir a ser a próxima vítima. O modo de diferenciar-se do morto seria, então assumir a posição daquele que sem duvida está vivo, vale dizer a do trabalhador que se encarrega de sepultamentos. Contudo, a defesa não é completamente exitosa, na medida em que a coveira se confunde com um anjo da morte, que traz uma foice na mão e veste um manto. Assim, o que fora anunciado como uma profissão torna-se uma figura sobrenatural. Sendo assim, ao tentar fugir à morte, ao tentar evitar ser a próxima de uma fila

de jovens arriscados a não se tornarem adultos, torna-se prisioneira, no desenho- estória inventado para imaginar o adolescente daqui dez anos, de um acontecer que não finaliza.

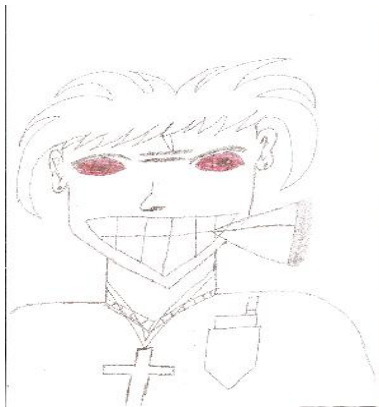
O habitar este campo, ou inconsciente relativo, guarda algumas semelhanças com o fenômeno que Winnicott (1974) denominou agonias impensáveis. Trata-se de descrever um estado crítico, durante o qual o indivíduo vivencia uma espécie de queda infinita num espaço sem limites, com perda de contato com o próprio corpo e com os outros seres humanos. Como se vê, trata-se de um estado de máxima aflição, que pode ser experimentado radicalmente por bebês, quando são invadidos por ambientes psicologicamente tóxicos, mas também por pessoas de qualquer idade, quando sujeitas a sofrimentos radicais. Não nos parece que estejamos, no campo "Aprisionado no acontecer", numa situação idêntica. Contudo, estamos, com certeza, numa situação claustrofóbica, que se caracteriza por uma alteração na experiência de passagem do tempo. Assim, enquanto no primeiro campo, o tempo flui, mas pode trazer a morte, aqui o tempo deixa de fluir, na medida em que paira um presente eterno a partir do momento em que a adolescente se transforma em coveira-anjo da morte.

O terceiro campo de sentido-afetivo emocional apresentado é o denominado "**Mais do mesmo**". Trata-se de inconsciente relativo regido pela crença lógico-emocional de que o futuro não se avizinha como algo que traz consigo novas possibilidades de existência, na medida em que amanhã seria mera repetição do hoje.

Como exemplo de manifestação que emerge a partir deste campo, lembramos, agora, do desenho de um jovem nos dias de hoje com os olhos vermelhos pelo uso de maconha, que se faz acompanhar, na



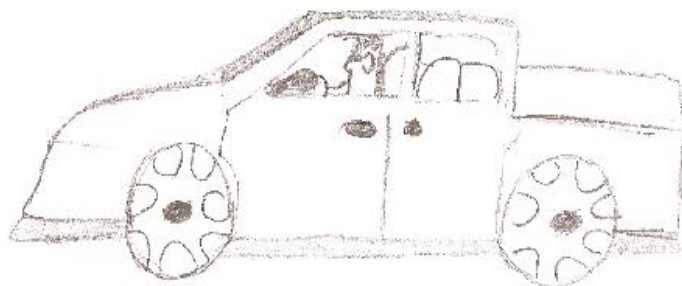
segunda produção, por uma figura que apresenta o nariz vermelho pelo uso de cocaína. Como vemos, o adolescente expressa, de modo sintético e direto, que as mudanças na vida serão meramente superficiais. Há inclusive uma alusão sutil ao fato de que o aumento de rendimentos financeiros vai permitir uma sofisticação no consumo da droga, que, todavia, manter-se-á sempre presente.



Numa linha bastante semelhante, outro participante representa um jovem nos dias de hoje fumando cigarro, enquanto veste uma blusa na qual está estampado o desenho de folha de maconha. O futuro desse jovem, em anos, surge por meio da figura de um rapaz dentro de um carro.



dez



O jovem que fez os desenhos relatou que, no presente, o uso de drogas e bebidas, bem como a necessidade de “ser esperto”, são o que caracteriza os adolescentes. Se o jovem for suficientemente astuto, conquistará a posição de chefe do tráfico num “carrão importado”.

O campo “Mais do mesmo” suscita algumas reflexões relativas à questão da esperança. A nosso ver, configuram-se, quando nos interrogamos acerca dos sentimentos subjacentes a este terceiro campo, algumas interrogações importantes. Se o primeiro campo, “Quem será o próximo?” nos remete a uma visão paranoide e depressiva sobre um futuro sombrio, e o segundo campo, “Aprisionado no acontecer”, associa-se a sensações claustrofóbicas, relativas a um tempo que deixa de fluir, que conduzem ao desespero, deparamo-nos, neste terceiro campo, com algo possivelmente mais complexo, quando nos indagamos: o adolescente que habita “Mais do mesmo” conserva sentimentos de esperança em seu futuro?

No nosso entender, algumas formulações de Renault (2004;2008), filósofo que tem se dedicado à pesquisa dos sofrimentos sociais, podem ser de utilidade. A seu ver, quando estudamos situações humanas marcadas por humilhação, injustiça e desamparo, devemos manter-nos atentos para aquilo que pode e aquilo que não pode ser percebido pelo indivíduo. Percepção que se dá, ou não, tanto em função das poderosas defesas que devem ser colocadas em jogo para sobreviver biológica e emocionalmente, como também porque muitas vezes foram privados de condições de desenvolvimento pessoal que possa permitir o alcance de uma visão crítica e lúcida da realidade. Assim, lembra que sofrimentos sociais radicais podem não ser reconhecidos pelas vítimas.

A visão de um observador, relativamente externo ao acontecer em exame, vale dizer, no nosso caso, dos psicólogos e psicólogos/psicanalistas, pode facilmente conduzir à conclusão de que quando impera “Mais do mesmo” a

desesperança domina o quadro. Evidentemente é esta a visão daquele que teve a oportunidade de pensar o ser humano como intrinsecamente voltado ao desenvolvimento criativo de suas potencialidades, num movimento que tem como horizonte a superação de realidades eticamente inaceitáveis e a construção de um mundo pautado em valores de igualdade, solidariedade e consideração.

Vivemos hoje sob um sistema globalizado contraditório, no qual viceja, malgrado a violência e opressão do homem pelo homem, um discurso de respeito aos direitos humanos. Os ideais professados são mais raramente praticados, de modo que o repúdio radical do uso do outro como objeto, a respeito do qual uma grande maioria está teoricamente de acordo, persiste como prática fundamental do sistema capitalista (HELLER, 1982). Contudo, constatamos que uma expressiva maioria, não alinhada à visão relativista, converge, no que tange ao reconhecimento de que o respeito à liberdade, à verdade e à humanidade do outro homem, são exigências éticas fundamentais. (AIELLO-VAISBERG; MARCOCCIA, 2013, p.76).

Ora, não temos dificuldade em considerar que vidas voltadas exclusivamente ao consumo material, nas quais não ganhe lugar nenhum esforço destinado à criação de uma realidade melhor para todos, nenhuma forma de transcendência à mera reprodução do *status quo*, retratam falta de esperança. Certamente, o desejo de se tornar chefe do tráfico, para granjear poder e dinheiro, coincide com uma visão ideologicamente conservadora, que se instala quando não há esperança de “mudar a vida”, no sentido que esta expressão assume no pensamento de Heller (1982). Segundo visão desta autora, a existência de todos os seres humanos será transformada a partir de mudanças sociais e políticas que permitam o respeito ao outro, que deixará de ser usado como mero instrumento de produção de mercadorias, que devem ser consumidas não porque necessárias, mas para manter o mercado ativo.

Por outro lado, não deixamos de reconhecer que, do ponto de vista

emocional, aquele adolescente que subjetivamente se empenha por se tornar um líder, visando futuramente um posicionamento privilegiado no mundo do comércio das drogas, pode vivenciar-se como alguém cheio de esperança, capaz de apostar numa mudança que, a seus olhos, seria extremamente significativa: deixar de ser comandado por outra pessoa, para vir a ser, ele mesmo, o chefe.

Em interessante trabalho, no qual estudou uma presidiária, ex-menina de rua ligada ao tráfico de drogas, realizando estudo psicanalítico de um documentário, Chinalia (2012) deparou-se com um discurso em muito assemelhado ao que se pode encontrar no meio empresarial, evidenciando um movimento no sentido de atingir prosperidade material, subjetivamente concebida como bastante significativa<sup>24</sup>. Com Renault (2004; 2008), compreendemos, facilmente, que o grau de vitimização desta mulher, numa sociedade que não lhe proporcionou a provisão ambiental necessária para um amadurecimento pessoal saudável, é um fato inegável. Mesmo que não se sinta prejudicada, subjetivamente, esta é uma verdade fragrante. Assim, o que coloca, para si mesma, como planos de futuro, cai, inexoravelmente, neste campo de sentido afetivo-emocional que aqui denominamos “Mais do mesmo”. Trata-se de mais da mesma injustiça, de mais da mesma humilhação, de mais do mesmo desamparo. As perspectivas de verdadeiras mudanças futuras encontram-se, na prática, fechadas.

Por outro lado, tanto quando estudamos as manifestações dos nossos participantes, que emergem a partir do campo “Mais do mesmo”, como quando nos debruçamos sobre as declarações da mulher estudada por Chinalia (2012), constatamos, além desta contradição da aparente esperança numa situação de desesperança, um outro aspecto que nos

---

<sup>24</sup> Desnecessário acrescentar que a semelhança entre discursos de empresários e aquele da traficante não deixa de causar um efeito quase humorístico, a quem assiste ao documentário estudado por Chinalia (2012), que provoca certas reflexões. Entretanto, não nos ocuparemos aqui deste aspecto, que nos distanciaria dos propósitos do presente capítulo.

parece muito importante. Referimo-nos, aqui ao fato de haver manifestação de vitalidade, mesmo que o potencial criativo esteja sendo empenhado em atividades que visam tão-somente alcançar uma posição de poder e lucro, num mundo específico de tráfico de drogas. Assim, é forçoso reconhecer que faltam condições propícias aos ímpetos de atuar, de realizar, de elaborar projetos efetivamente transformadores. Em termos winnicottianos, pode-se afirmar que está comprometida a capacidade de se sentir vivo, real e capaz de gestualidade transformadora do próprio ser e do mundo (WINNICOTT, 1941, 1975, 1983; AROS; AIELLO-VAISBERG, 2009).

Estamos, portanto, diante de uma situação francamente preocupante, na medida em que a esperança no futuro tem, obviamente, um valor motivacional inegável. Estes jovens estão, a nosso ver, bastante prejudicados do ponto de vista emocional. Trata-se de um prejuízo não quantificável, mas profundamente significativo, dramático e fundamental que, se não conduz frequentemente à psicose, certamente compromete a constituição dos alicerces da saúde mental (WINNICOTT, 1987).

Finalmente, o quarto campo selecionado é aquele denominado “**Por nossa conta e risco**”. Trata-se de um mundo vivencial organizado segundo a regra lógico-emocional de que crianças e adolescentes devem ser protegidos e cuidados por adultos. Os desenhos de um dos garotos emergem a partir deste campo.

Esse é um jovem que é dependente de droga que não tem família para o ajudar com isso porque a família morreu em acidente e com isso o jovem começou a mexer com coisa errada.



*"Esse é um jovem que é dependente de droga que não tem família para o ajudar com isso porque a família morreu em acidente e com isso o jovem começou a mexer com coisa errada".*

Quando pedimos a este participante um segundo desenho-estória, no qual a figura desenhada deveria ser imaginada daqui a dez anos, obtivemos, de saída uma história bastante concisa:

*"Passou-se 10 anos - O jovem morreu".*

Posteriormente, desenhou o adolescente deitado, como se estivesse morto.



Nesse campo emergem sentimentos de desamparo, que derivam da ausência física e/ou emocional de figuras parentais que deveriam auxiliá-los em seus desenvolvimentos. Estamos diante de uma queixa que se relaciona de forma bastante clara e direta ao fato dos seres humanos necessitarem de cuidados de pessoas mais velhas para crescer e se tornarem autônomos, vale dizer, maduramente dependentes<sup>25</sup>.

Cabe, portanto, lembrar que as práticas culturais são diversificadas, de modo que nem sempre os pais biológicos são os cuidadores. Entretanto todas as crianças necessitam de cuidados parentais, pois os bebês humanos não apresentam condições de sobrevivência se forem deixados à própria sorte.

---

<sup>25</sup> Lembramos aqui as teorizações de Fairbain (1940), que considera que nenhum ser humano chega a ser independente, mas que é possível distinguir duas formas de dependência, a imatura e a amadurecida.

O desamparo foi compreendido por Freud (1926), como um fenômeno que pode ser explicado biologicamente, como indica o verbete em Laplanche e Pontalis (1982):

“...Freud liga explicitamente o estado de desamparo à *prematuração* do ser humano: a sua “...existência intra-uterina parece relativamente abreviada em comparação com a da maioria dos animais; ele está menos acabado do que estes quando é jogado no mundo. Por isso, a influência do mundo exterior, é reforçada... Este fator biológico estabelece, pois, as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem””. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p. 112-113).

Esta é uma explicação plausível e aceitável quando abordamos o fenômeno humano desde a perspectiva da biologia. Entretanto, outros pontos de vista podem ser igualmente importantes. Neste sentido, parece oportuno lembrar reflexões psicanalíticas que, dialogando com contribuições filosóficas, tem apontado que a condição existencial do ser humano, ao longo de toda a vida, caracterizando-se por precariedade, vulnerabilidade e mortalidade, por si mesma poderia justificar experiências de desamparo (MENCARELLI, 2010).

Observamos, por outro lado, que algo que parece ser universal, provavelmente se acentua quando focalizamos situações marcadas por desigualdades sociais, que exacerbam experiências de precariedade e vulnerabilidade. No cotidiano que vivemos, atualmente, em nosso país, constatamos facilmente o fato, a nosso ver cristalino, de adolescentes das camadas desfavorecidas estarem expostos, pelas condições concretas vigentes, à percepção de que a vida daqueles que pertencem a camadas mais abastadas usufruem de inegáveis privilégios. Nesta linha de

raciocínio, parece-nos mais sensato ponderar que provavelmente, ao exibirem condutas que emergem do campo “Por nossa conta e risco”, não estão idealizando pais onipotentes, que os tornem imortais, mas apenas reclamando a ausência daquilo que Winnicott (1983) chamaria de ambiente suficientemente bom, capaz de proporcionar um amadurecimento emocional saudável<sup>26</sup>.

Ponderamos que este quarto campo de sentido afetivo-emocional, que criamos/encontramos interpretativamente, deriva, diretamente, do reconhecimento do contexto em que vivem, ou seja, do fato de estarem bastante informados acerca de sua condição social desafortunada. Conhecendo as dificuldades que enfrentam dia a dia, comunicam a angústia de estarem abandonados à própria sorte, com medo de não sobreviver, de não escapar de um caminho mais difícil, permeado por inúmeros problemas e obstáculos. Certamente temem tornar-se a próxima vítima da morte ou seguirem sendo vítimas da impossibilidade, mais ou menos claramente entrevista, de entrar numa vida adulta que possa ter sentido e trazer alguma realização pessoal.

Num outro registro, desta vez antropológico, podemos considerar que não apenas sabem que, na mesma sociedade em que vivem, coetâneos gozam de melhores condições, o que inclui, fundamentalmente, a presença de cuidadores parentais e familiares, mas que pressentem, a partir da própria condição existencial, como “amostras do ser humano no tempo” (WINNICOTT, 1990), que todo crescimento demanda sustentação. Abre-se, aqui, um importante tópico para a reflexão se pudermos articular o pensamento winnicottiano com as considerações antropológicas de Giussani (1966).

---

<sup>26</sup> Situação semelhante, em que o desamparo atinge proporções alarmantes, foi encontrada por Tardivo (2007), investigando adolescentes indígenas aculturados no estado do Amazonas. Ali, a desesperança e o desamparo chegavam a se traduzir como suicídios e tentativas de suicídios.



Giussani (1966), a nosso ver, traz uma relevante contribuição para a psicanálise pós-winnicottiana, ao permitir que aos dois termos, a partir dos quais o psicanalista inglês baliza sua teorização, vale dizer, necessidade e desejo<sup>27</sup>, um terceiro venha a ser acrescentado. Trata-se do conceito de exigência, a partir do qual podem ser diferenciadas as necessidades emocionais elementares, do bebê e da criança, de necessidades ético-afetivas que balizam a experiência de todos os seres humanos, independentemente de sua idade. Nessa perspectiva, o ser humano seria originariamente constituído por um conjunto de exigências, que denomina experiência elementar, uma espécie de crivo que favoreceria a percepção, mais ou menos nebulosa, mais ou menos consciente, em função das condições concretas da vida, sobre o que seria humanamente essencial para a realização do ser humano (MAHFOUD, 2012; AIELLO-VAISBERG; MARCOCCIA, 2013)<sup>28</sup>.

Deste modo, podemos compreender que o quarto campo, “Por nossa conta e risco”, articula-se tanto a partir de uma observação cotidiana da vida dos adolescentes mais abastados, como também a partir da percepção de uma exigência fundamental para a realização de uma vida digna das potencialidades de todas as pessoas, a exigência de amparo e sustentação. Se não chegam nunca, pela nossa condição existencial, a estados de autonomia plena (FAIRBAIN, 1940), certamente a dependência é mais acentuada em períodos específicos, como na infância, na adolescência e na velhice, ou em circunstâncias tais como a doença e a deficiência.

---

<sup>27</sup> Winnicott distingue, ao longo de sua obra, as necessidades, somática e emocionais, que devem ser sempre atendidas, durante toda a vida, e os desejos, cujo caráter essencial seria erótico. A seu ver, a frustração eventual dos desejos não compromete a integridade pessoal (ABRAM, 2000).

<sup>28</sup> É importante ressaltar que, por vias diversas, autores como Giussani (1966) e Heller (1982) chegam a conclusões semelhantes, no sentido de reconhecer valores básicos de respeito ao ser humano, que repelem o uso do outro como instrumento, num sentido que degrada sua humanidade.

A partir das reflexões sobre esses quatro campos de sentido afetivo-emocional, que são os inconscientes relativos às condutas que apresentaram os participantes, podemos considerar que viveram um impacto profundo a partir da experiência de perderem uma colega do grupo. Entretanto, não obstante a dramática concretude deste fato, pensamos que foram atingidos justamente porque não se trata apenas de um evento isolado, mas por se apresentar como fato emblemático, que condensa, de modo preciso, a difícil realidade em que vivem. Esse impacto permeou o encontro com os adolescentes como um fantasma a assombrá-los, provocando sentimentos, temores e fantasias que se fizeram presentes nas comunicações verbais e gráficas durante a entrevista coletiva.

Finalmente, parece-nos importante destacar que o modo pelo qual conseguiram se comunicar, durante o encontro, quando lhes oferecemos sustentação emocional, nosso interesse e nossa escuta atenta, revela que, apesar das dificuldades, segue viva a capacidade de responder de modo construtivo a modificações do ambiente, quando este se mostra mais acolhedor. É possível dizer que as comunicações emocionais soaram, aos nossos ouvidos, quase como um pedido de ajuda e de apoio para que possam experimentar possibilidades, para que possam vivenciar experiências, sem terem de enfrentar o abandono social.

## **CAPÍTULO 5**

## **CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS: PRIVAÇÃO E (DES)ESPERANÇA À LUZ DA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA**

Os estudiosos da obra winnicottiana convergem no sentido de reconhecer que aí encontramos valiosas contribuições para a compreensão da psicologia da adolescência (GOLSE; BRACONIER, 2012). Segundo tal visão, idealismo e capacidade de sonhar com o porvir seriam aspectos altamente relevantes da adolescência saudável:

“...o idealismo é uma das características mais emocionantes da adolescência. Rapazes e moças adolescentes ainda não se estabeleceram na desilusão e, em consequência, experimentam liberdade de formular planos ideais” (WINNICOTT, 1968/1975, p. 199).

Nesta linha, a liberdade de formular planos de futuro estaria associada à capacidade de gestualidade espontânea e criativa. Assim, os jovens caminhariam no sentido de construção tanto de projetos pessoais, como de projetos de construção de um mundo melhor, numa perspectiva de propostas de mudança da sociedade.

Entretanto, nossa pesquisa revelou que os participantes compartilham condições de vida profundamente marcadas pelo conhecimento precoce de muitas dificuldades e desilusões, de acordo com a consideração winnicottiana de que os adolescentes são tanto filhos de seus pais como filhos da época histórica em que vivem (GOLSE; BRACONIER, 2012). Não surpreende, portanto, constatar que jovens que pertencem a camadas desfavorecidas, num país periférico do capitalismo neoliberal, precisem lidar com situações extremamente difíceis, como a violência, a pobreza e o desamparo. Para os adolescentes, que participaram desta pesquisa, um dia-a-dia bastante dificultoso compromete a possibilidade de experimentar

liberdade para formular planos e projetos relativos à vida adulta. Neste contexto provavelmente a perda da colega por causas externas assume um significado singular, na medida em que pode se configurar como um lembrete ou alerta sobre quão desastroso pode ser o viver humano.

Como sabemos, os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, correspondem a substratos a partir dos quais emergem diferentes condutas. Estes campos são, num registro intelectual, criados/encontrados interpretativamente pelo pesquisador. No registro fenomênico, correspondem a mundos vivenciais, habitados de modo mais ou menos permanente por indivíduos e grupos. Tais mundos tanto fundamentam condutas humanas, como são, eles próprios, humanamente produzidos. Neste tipo de investigação psicanalítica, buscamos chegar às regras afetivo-emocionais, segundo as quais cada campo de sentido afetivo-emocional se organiza como um mundo vivencial. Trata-se, portanto, de acessar sentidos afetivo-emocionais mais básicos, mais fundantes, a partir do pressuposto blegeriano de que as manifestações humanas não são mera exteriorização de mentes concebidas como mônadas, mas fenômenos que se constelam intersubjetivamente. Em suma, entendemos que subjaz, à complexidade multifacetada das condutas manifestas, um substrato afetivo-emocional mais simples que permite chegarmos à compreensão emocional do que está fundamentalmente em jogo.

Vários dos campos criados/encontrados remetem a questões relativas à impossibilidade de esperar um futuro pontilhado de boas oportunidades de realização. Constatamos esta dificuldade tanto quando temem morrer e perder amigos na juventude, quando habitam o campo "Quem será o próximo?", como quando apresentam condutas emergentes dos campos "Aprisionado no acontecer" e "Mais do mesmo". Evidentemente, são diversos os modos como o futuro se fecha nestes diferentes campos: não há futuro porque o temor da morte domina o horizonte, sob a ameaça de

interrupção da vida, não há futuro porque o tempo deixa de fluir ou ainda porque será mera repetição, fracamente dissimulada, do mesmo presente pouco gratificante. Neste ponto, surge a interrogação relativa à que consequências a falta de confiança no futuro pode afetar os adolescentes. A nosso ver, quando as perspectivas se estreitam, criam-se condições que facilitam o surgimento de condutas imediatistas e arriscadas, que incluem, entre outras, por exemplo, uso abusivo de álcool e drogas ou exposição a doenças sexualmente transmissíveis.

Este quadro nos incita a repensar uma teoria, que goza de certa popularidade entre clínicos, educadores e pais, segundo a qual as condutas de risco, na adolescência, devem ser compreendidas como evidência de um funcionamento psíquico de tipo onipotente. Abordando quarenta educadores encarregados do cuidado de adolescentes em conflito com a lei, Espíndula e Santos (2004) defrontaram-se com um tipo de pensamento que se organiza segundo a distinção de dois modos de vivenciar a adolescência. Um deles consiste na chamada adolescência normal e o outro na problemática. Contudo, o que se revela bastante curioso, é o fato de descreverem a própria normalidade como um período de transição que se caracteriza fundamentalmente pela apresentação de uma postura onipotente.

Essa vinculação entre adolescência e onipotência, para compreender tanto a adolescência dita normal, de modo geral, como fase propícia à adoção de comportamentos de risco, é assumida por autores cujas obras e iniciativas são consideradas como referências básicas. Como exemplo, podemos citar as contribuições de Albertina Duarte Takiuti (2008), que considera a onipotência uma característica desta fase da vida. Esta mesma perspectiva é assumida por muitos outros pesquisadores, entre os quais citamos, sem pretensão de esgotar a literatura nacional, Guimarães (2005), Dusmanet al (2008); Jordão (2008); Bretas et al (2008); Bretas et al (2009), Beltrame et al (2011) e Savietto; Cardoso (2012).

Entretanto, se podemos, realmente, em muitos casos, concordar com uma vinculação entre comportamentos de risco, sempre constelados de modo imediatista, e posicionamento onipotente, temos forte impressão de que este tipo de compreensão não se aplica facilmente ao que encontramos na presente pesquisa. A nosso ver, os campos que podemos “criar/encontrar”, observando rigorosamente o método psicanalítico, tal como é operado nas pesquisas que se baseiam na interpretação de campos de sentido afetivo-emocional, podem nos indicar um caminho diferente.

Parece-nos, assim, mais interessante propor uma compreensão da adolescência dos participantes de nossa pesquisa em termos mais concretos, que se ligam primariamente à dificuldade em poder confiar na constelação de um futuro afortunado, ou seja, à dificuldade de se manterem esperançosos. Não nos parece que tendem a comportamentos imediatistas e arriscados porque apresentam uma espécie de deficiência, denominada “onipotência”, a qual, rigorosa e precisamente falando, teria caráter psicótico (AIELLO-VAISBERG, 2012). Vemos aí, inclusive, um movimento num sentido de patologização, bastante discutível, que pode se casar, facilmente, com condutas preconceituosas contra adolescentes (MONTEZI; BARCELOS; AMBROSIO; AIELLO-VAISBERG, 2013).

A nosso ver, os temores paranoides e depressivos, expressos no campo “Quem será o próximo?”, a ansiedade claustrofóbica, daquele que se encontra sobre forte impacto traumático, que constatamos ao criar/encontrar o campo “Aprisionado no acontecer”, bem como a desesperança, mais ou menos dissociada, de “Mais do mesmo” apontam para diferentes aspectos de um posicionamento existencial que não favorece sentimentos de esperança em um futuro que de fato faça sentido. Como olhar para frente sentindo-se vivo, real e capaz de gestualidade espontânea, quando se transita entre estes três campos?

O que propomos nesse estudo tem consequências, sobre as quais não nos alongaremos, mas que não deixaremos de aqui lembrar. Quando pensamos em onipotência do pensamento adolescente, seremos levados, logicamente, a imaginar soluções que passam necessariamente por um certo tipo de intervenção psicoterapêutica, focado no plano psíquico que é, em última instância representacional. Dificilmente fugiremos de uma visão politicamente conservadora, que apostará no ocultamento das contradições sociais e na patologização dos indivíduos. Por outro lado, quando, alinhadas a uma psicologia concreta, compreendermos as experiências emocionais destes jovens como dramas<sup>29</sup> que derivam do próprio viver humano, veremos que cuidar dos adolescentes implica, necessariamente, um compromisso com transformações sociais e políticas que permitam a constituição de ambientes familiares, escolares e sociais suficientemente bons (WINNICOTT, 1983).

Por fim, parece-nos fundamental retomar o desamparo comunicado pelos adolescentes, expresso por condutas que emergiram a partir do campo "Por nossa conta e risco". Acreditamos que os sentimentos de medo de morrer, de aprisionamento e estreitamento das perspectivas de futuro, apresentados nos outros campos, possam estar direta ou indiretamente relacionados à experiências de não poder contar com sustentação de adultos, sejam estes pais, familiares ou educadores. Quando nos abrimos para acolher manifestações emergentes a partir do "Por nossa conta e risco", nossa presença integra um acontecer que ganha sentido como comunicação de uma falta. Paradoxalmente, ao expressarem sentimentos de estar abandonados à própria sorte, tendo que criar solitariamente recursos de enfrentamento da realidade, vivem, ainda que pontualmente, uma certa esperança no outro, que se dispõe, como o fizemos, a escutá-los com verdadeiro interesse e consideração. Este é um ponto importante,

---

<sup>29</sup> O conceito de drama é aqui utilizado na precisa acepção que lhe confere Politzer (1928), a qual é retomada por Bleger (1958; 1963).

porque indica que, ainda que transitando por campos onde imperam medo, desamparo e desesperança, guardam capacidades de transformação pessoal, o que, evidentemente, requer provisões ambientais suficientemente boas.

O reconhecimento da manutenção de capacidade de transformação pessoal, em ambiente desfavorável, é, a nosso ver, um aspecto fundamental da nossa pesquisa. Sabemos, afinadas à teoria winnicottiana, que o desamparo, a falta de confiança e a falta de esperança, dos adolescentes, indicam que o ambiente falhou, e que, conseqüentemente, o desenvolvimento emocional pode ficar bloqueado, prejudicado. Contudo, o exame do material clínico, aqui apresentado, ainda que os participantes desse estudo tenham se apresentado desconfiados, inseguros e desamparados, revela que puderam, por outro lado, apresentar-se como pessoas criativas e brincantes durante a entrevista coletiva. Assim, permitiram que vislumbrássemos suas potencialidades e, inclusive, sua coragem, ao participarem da entrevista, de forma absolutamente expressiva. Devemos, portanto, ressaltar que, sentindo certa confiança no ambiente proporcionado pelo encontro, no qual encontraram alguém disposto a escutá-los de forma atenta, presente e viva, conseguiram se comunicar emocional e afetivamente de forma significativa.

Para nós, pesquisadoras/psicólogas, o fato de os jovens terem estabelecido um contato emocional significativo conosco, de forma brincante, num momento em que recebem uma proposta que busca possibilitar e favorecer esse movimento, apresenta valor inegável. De certa forma, podemos compreender que quando recebem cuidados, atenção, acolhimento e amparo, ainda que numa situação limitada no tempo, mostram-se mais confiantes para expressar aquilo que os assusta, aquilo que vivenciam como experiência emocional. No trecho a seguir, Winnicott (1968) coloca a importância de um adulto atento e presente,



que esteja pronto para amparar às condutas adolescentes, para que o desenvolvimento emocional se dê de forma saudável:

“Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem aos adultos a ver o mundo com olhos novos, mas onde houver o desafio do rapaz ou da moça, que haja um adulto para aceitar o desafio” (WINNICOTT, 1968, p.202)

Dessa forma, acreditamos que quando pudermos garantir, como sociedade, um ambiente suficientemente bom, protegido, para os mais frágeis, tais como crianças, adolescentes, idosos, doentes e deficientes, poderemos ter uma noção mais clara sobre o fato das demandas expressarem reivindicações justas (WINNICOTT,1958). No caso do presente estudo, precisamos zelar para que os adolescentes de classes menos favorecidas encontrem sentido em suas vidas, cuidando para que possam construir projetos pessoais que envolvam a si mesmos e aos outros, para que possam viver o hoje de forma menos defendida. É necessário, então, criar intervenções que, mediante a instauração de ambientes sociais e clínicos suficientemente bons, facilitem o amadurecimento de potencialidades,

Concluimos, então, defendendo a criação de propostas clínicas, educacionais e sociais diferenciadas, que englobem a constituição de ambientes humanos capazes de auxiliar os jovens em seu desenvolvimento afetivo-emocional, para que se tornem capazes de vivenciar gestualidades transformadoras de si e do mundo, a partir de uma posição existencial viva e real, tal como vimos propondo desde uma perspectiva teórica pós-winnicottiana, cultivada pelo estilo clínico “Ser e Fazer”.

Também não descartamos a necessidade do desenvolvimento de práticas voltadas aos profissionais e voluntários que lidam com os jovens, pois

acreditamos que, muitas vezes, esses grupos encontram-se despreparados para a tarefa a que se propõem. Psicólogos capacitados, mediante conhecimento competente e sensível sobre o desenvolvimento humano podem aí desempenhar um papel fundamental. Se pudermos sustentar e subsidiar, com conhecimentos psicológicos, as iniciativas de pessoas, educadores e voluntários, muitas vezes artistas, envolvidas no trabalho com os jovens, estaremos sendo fiéis ao que propõe à psicologia concreta, na medida em que estaremos cuidando também dos contextos nos quais estes jovens estão inseridos. Dessa maneira, podemos colher frutos vindos de diferentes vertentes, ampliando as condições de cuidado e trilhando uma proposta para que esses jovens possam construir um caminho que não leve à morte, ao aprisionamento ou à repetição.

Finalizamos lembrando que, como psicólogos, não deixamos de perceber que condições macro-políticas, bem como o modo capitalista de produção, são, em última instância, os produtores do sofrimento social (RENAULT, 2004;2008). Não nos iludimos quanto à possibilidade de mudar o mundo a partir de iniciativas clínicas e psicossociais. Por outro lado, enquanto nos posicionamos, filosófica e politicamente, a favor do combate a todas as formas de desigualdade e exclusão, não deixaremos de considerar como sumamente relevantes ações de cuidado que possam transformar a vida de indivíduos e grupos que ocupam, hoje, posições subalternas no mundo social.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Trad. De Suzana Maria GaragorayBallve. 3ª ed. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, p.92, (1970/1981).

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad. Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro, Revinter, 2000

AIELLO-FERNANDES, A. R. "*Da entrada de serviço ao elevador social*". 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2013.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. 1999. Tese de livre docência não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Subjetividade e alteridade: considerações sobre os fundamentos de uma clínica grupal na perspectiva Winnicottiana. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 26-33, 2009.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de D. W. Winnicott. In: Ines Zulema Sucai; Heloisa de Moraes Ramos (Org.). *Winnicott: Ressonâncias*. São Paulo, Primavera Editorial, p. 231-238, 2012.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, J.; MONZANI, L. *Olhar: Fabio Hermann - Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH – UFSCar, p. 311-324, 2008.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. *Narrativas: o gesto do sonhador brincante*. In: Enc. Lat. Dos estados gerais da psicanálise. 2005

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AMBROSIO, F. F. A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In: Aiello-Vaisberg, T. (Org.). *Trajetos do sofrimento: registro e (re)criações de sentido*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEAUNE, D. Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: BEAUNE, D. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. Paris: L'Harmattan, v. 1, p. 39-52, 2009.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MARCOCCIA, M. C. M. "O Batom e o Pao": Diálogos entre a Experiência Elementar e o Estilo Clínico Ser e Fazer. *XI Jornada Apoiar. Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*. Universidade de São Paulo, SP. Anais da XI Jornada Apoiar, p.68-91, 2013

ALBERTO, M. de F. P.; ALMEIDA, D. R. de; DÓRIA, L. C.; GUEDES, P. C.; SOUSA, T. R. de; FRANÇA, W. L. P. de. O papel do psicólogo e das entidades junto a crianças e adolescentes em situação de risco. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v.28, n.3, p. 558-573, 2008. Retrieved February 02, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000300010&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300010&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S1414-98932008000300010.

AMBROSIO, F. F. *O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. 2013. 114 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

AMPARO, D. M.; AFONSO, C. T., ALVES, P. B.; BRASIL, K. T.; KOLLER, S. H. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.13, n.2, p. 165-174, 2008. Retrieved February 02, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2008000200009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200009&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S1413-294X2008000200009.

ARÓS, A. C. S. P de C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 11, n. 2, p. 3-16, 2009.

ÁVILA, C. F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Qual é o lugar do aluno com deficiência?. *Paidéia*, v.18, n. 39, p. 155- 164, 2008

BARCELOS, T. F; BUSNARDO, J. O. M.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Adolescência Desconectada: o imaginário coletivo de professores sobre o jovem contemporâneo. In: *XVIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO FLAPAG E X SIMPÓSIO CEFAS*, 2009, Campinas. ANAIS Federação Latino-Americana de Associações de Psicanálise de Grupos FLAPAG, p. 371-371, 2009.

BARCELOS, T. F; BUSNARDO, J. O. M.; MONTEZI, A.V.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Pais, cadê vocês?: O imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. In: *XIV Colóquio Winnicott Internacional O psíquico, o mental e o simbólico*, 2009, São Paulo. Anais do XIV Colóquio Winnicott Internacional O psíquico, o mental e o simbólico, 2009.

BARCELOS, T. F.; PONTES, M. L.; TACHIBANA, M. e AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Desastre na vida sexual: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a gravidez na adolescência. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, Campinas: Puc-Campinas, 2008.

BARCELOS, T. F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J.A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática*, v.12, n. 1, p. 85-96, 2010

BARRETO, M.A.M. *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. 2006. 196 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

BARRETO, M.A.M.; AIELLO-VASIBERG, T.M.J. O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, v.16, n. 2, p. 310-329, 2007

BARROS, M. D. de A.; XIMENES, R.; LIMA, M. L. C de. Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. *Rev. Saúde Pública* [online], vol.35, n.2, p. 142-149, 2001 [citado 2014-02-05]

BARUS-MICHEL, J. Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. In: *SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE*, São Paulo: USP. 2005. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 abr 2012.

BELTRAME, G. R.; LIMA, L. S.; ITAGUY, G. W.; MARTINS, J. F.; JAEGER, F. P. Perspectiva de vida das adolescentes grávidas de baixa renda. *Revista EDUCAMAZONIA – Educação, Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá*, v. 1, n. 6, p. 26-41, 2011

BERKEL, C.; MAURICIO, A. M. e SCHOENFELDER, E. Putting the pieces together: an integrated model of program implementation. *Prevention Science*, v. 12, p. 23-33, 2011.

BLEGER, J. *Psicoanalysis y materialismo dialético*. Buenos Aires, Nova Vision, 1958

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Trad. De Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1966/1984, 138p.

BLEGER, J. *Psicologia da conduta*. Trad. De Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1963/1984. 244p.

BLEGER, J. *Temas de Psicologia: Entrevistas e grupos*. Trad. Rita M. M. De Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980/2003. 137p.

BRETAS, J. R. S. *Mudanças: a corporalidade na adolescência*. 2003. 275 p. Tese (Doutorado) - Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

BRETAS, J. R. S.; MORENO, R. S.; EUGENIO, D. S.; SALA, D. C. P.;

VIEIRA, T. F.; BRUNO, P. R. Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta Paulista Enfermagem*, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008

BRETAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P.; MUROYA, R. L. Conhecimentos de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta Paulista Enfermagem*, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009

BRETAS, J. R. S. Vulnerabilidade e adolescência. *Revista Soc. Bras. De Enfermagem*, v.10, n.2, p.89-96, 2010.

BRETAS, J. R. S.; OLIVEIRA, J. R. de; YAMAGUTI, L. Reflexões sobre estudantes de enfermagem, sobre morte e morrer. *Revista da Escola de Enfermagem, USP*, v.40, n.4, p.477-483, 2006.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004

BOTELHO-BORGES, A. A.; BARCELOS, T. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Leal a si mesmo: Um diálogo com o filme *Meu tio matou um cara*. In: *11ª Jornada Apoiar: Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*. Universidade de São Paulo, SP. Anais da 11ª Jornada Apoiar: Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social, 2013.

BUSNARDO, J.; PONTES, M. L.; TACHIBANA, M. e AIELLO-VAISBERG, T. M. J. De castigo e de mão beijada: o imaginário coletivo de adolescentes sobre seus pais. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, Campinas: Puc-Campinas, 2008.

CAMPS, C.I.C. de M. *A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMPS, C.I.C. de M. *O Ser e Fazer na escolha profissional : Atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*. 2009. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CABREIRA, J. C.; PONTES, M. L.; TACHIBANA, M. e AIELLO- VAISBERG, T. M. J. Ódio e discriminação contra "emos": um estudo sobre imaginário coletivo de adolescentes. [Texto completo]. *Boletim do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região*, v. 10, n. 15, p. 227-242, 2007.

CABREIRA, J.C.; PONTES. M.L.S.; TACHIBANA, M.;AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>

CERQUEIRA-SANTOS, E.; PALUDO, S. dos S.; SCHIRÓ, E. D. B.; KOLLER, S. H. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.15, n.1, mar., P. 72-85, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722010000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 18 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000100009>.

CHINALIA, M.J.S. *Mulheres na prisão: estudo psicanalítico de um documentário brasileiro*. 2012. Dissertação (Mestrado). Centro de ciências – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas

CIRINO, D. C. da S.; ALBERTO, M. de F. P. Uso de drogas entre trabalhadores precoces na atividade de malabares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 547-555, 2009

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos em Psicologia (Natal)* [online], v.11, n.2, p. 209-216, 2006. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1413-294X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>.

CORBETT, E. *"Contos sem fadas": mães e filhos em situação de violência doméstica*. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.



COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e a adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 12, n. 5, p. 1101-1109, 2007.

COSTA, A. G.; CAMURÇA, V. V.; BRAGA, J. M.; TATMATSU, D. I. B. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, jun., p. 803-819, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312012000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200021&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 out. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312012000200021>.

COUTO, T.H.A.M.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. A Mãe, o Filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, v.17, n. 37, p. 265- 272, 2007.

CRUZEIRO, A. L. S.; SOUZA, L. D. de M.; SILVA, R. A. da; PINHEIRO, R. T.; ROCHA, C. L. A. da; HORTA, B. L. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, jun., p.1149-1158, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000700023&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700023&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700023>.

DEVEREUX, G. *De l'angoisse à la méthode dans lessciences du comportement*. Paris, Flammarion, 2012

DIAS, E. T. D. M. Adolescência e morte: representações e significados. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP*, v. 15, n. 2, p. 273-281, 2011.

DIAS, S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. *Psicologia USP* [online], vol.11, n.1, pp. 119-135, 2000.

DOMINGOS, B. Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n.3, p. 577-589, 2003.

DUCHESNE, S.; HAEGEL, F. *L'Entretien Collectif*. Paris, Armand Colin, 2005.

DÜSMAN, E.; GÓIS, K. S.; GOMES, E. M. V.; PENNA, L. M. C.; CAMARGO, T.; GUHUR, M. L. P. Estudo da iniciação sexual e da gravidez de adolescentes da cidade de Maringá – PR. *SaBios: Revista de Saúde e Biologia*, v. 3, n. 2, p. 23-29, 2008

ESPÍNDULA, D. H. P.; SANTOS, M. F. S. Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia em estudo*, v.9, n.3, p. 357-367, 2004

ESPÍNDULA, D. H. P.; TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. F. S. Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, v. 14, n. 1, p. 137-147, 2009

ESUS, F. B. et al . Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 32, n. 2, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472011000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000200021&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 out. 2012.

FARBAIN, W. R. Revision de la Psicopatologia de las Psicosis y Psiconeuroses. In: W.R. Farbain. *Estudio Psicoanalítico de la Personalidad*. Trad Hebe Fridenthal. Buenos Aires, Hormé, 1940/1970

FÁVERO, M.; SALIM, C. A relação entre os conceitos de saúde, doença e morte: Utilização do desenho na coleta de dados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 3, n. 11, p. 181-191, 1995

FIALHO, A. A.; FERNANDES, R.A.; MONTEZI, A. V.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedingsofthe 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*, 2012, São Paulo (SP) [online]. 2012 [cited 28 April 2013].

Available from:  
<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&p](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&p)

FICHER, A. M. F. T.; VANSAN, G. A. Tentativas de suicídio em jovens: aspectos epidemiológicos dos casos atendidos no setor de urgências psiquiátricas de um hospital geral universitário entre 1988 e 2004. *Estudos de Psicologia*, vol. 25, n.3, p. 361-374, 2008.

FLORENZANOU, R.; CARCERES, E. C.; VALDÉS, M. C.; CALDERÓN, S. S.; SANTANDER, S. R.; CASSASUS, M. e ASPILLAGA, C. Comparación de frecuencia de conductas de riesgo, problemas juveniles y estilos de crianza, em estudantes adolescentes de tresciudadeschilenas. *Cuaderno Medico Sociale*, v. 50, n. 2, p. 115-123, 2010.

GIUSSANI, L. *El sentido religioso*. Trad. Jose Miguel Oriol. Madrid, Ediciones Encuentro, Kindle Edition, 1966/2008.

GOLSE, B.; BRACONNIER, A. *Winnicott et la creation humaine*. Introduction. In: Alain Braconnier e Bernard Golsen (org) *Winnicott et la Creation Humaine*. Paris, Eres, 2012

GRANATO, T.M.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v. 12, n. 2, p. 253-271, 2004.

GRANATO, T.M.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável? 2005. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006. p. 59-66.

GRANATO, T. M. M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O uso terapêutico de narrativas interativas com mães em situação de precariedade social. *Psico* (PUCRS. Impresso), v. 42, p. 494-502, 2011.

GRANATO, T. M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica* (PUCRJ. Impresso), v. 25, p. 17-35, 2013.

GRANATO, T. M. M.; CORBET, E. e AIELLO VAISBERG, T. M. J. Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 16, n. 1, p.157-163, 2011.

GRANATO, T. M. M.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 23, p. 81-89, 2011.

GREENBERG, J.; MITCHELL, S. *Relações objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

GUANABENS, M. F. G.; GOMES, A. M.; MATA, M. E. da e REIS, Z. S. N. Gravidez na adolescência: um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. *Rev. bras. educ. med.*, vol.36, n.1, p. 20-24, 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022012000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 out. 2012.

GUILLÉN, R. R.; NASCIMENTO, L. C. Consumo de drogas em losjóvenes de La ciudad de Guayquil, Ecuador. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 18, p. 598-605, 2010.

GUIMARAES, J. P. O jovem e a sua visão de imortalidade. *Medicina (Ribeirão Preto)*, v.38, n.1, p. 42-44, 2005

HEIM, J.; ANDRADE, A. G. de. Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. *Rev. psiquiatria clínica*. São Paulo , v. 35, supl. 1, p. 61-64, 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832008000700013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000700013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 set. 2013.

HELLER, A. *Para mudar a vida*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1982.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In: F. Herrmann e T. Loewenkron. *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo, Casado Psicólogo. 2004

HERRMANN, F. Uma aventura: a tese psicanalítica. **In: SILVA, M. E. L. da (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p. 133-157.**

HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. de. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, v.9, n.2, p. 480-492, 2009.

JINEZ, L. J.; SOUZA, J. R. M. de; PILLON, S. C. Drug use and risk factors among secondary students. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 246-252, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104169200900200017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104169200900200017&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 15 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692009000200017>.

JORDÃO, A. B. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, v. 21, n. 1, p. 157-172, 2008

JUNQUEIRA, M. H.R.; KOVACS, M. J. Alunos de Psicologia e a educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.28, n.3, p. 506-519, 2008

KÓVACS, M. J. Educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. V.25, n.3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1414-9893.

KÓVACS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010.

KÓVACS, M. J. Educadores e a morte. *Psicologia Escolar Educacional*, Maringá, v. 16, n.1, jun., p. 71-81, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>.

KÓVACS, M. J.; ESSLINGER, I., VAICIUNAS, N.; FRANCO, M. H. P. *Falando de morte com o adolescente* [ Filme-vídeo ]. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. VHS/ NTSC, 15 min. color, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. . *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen, 4ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1982/ 2001, p. 552.

Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente, nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccvil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Leis/L8069.htm)

MAHFOUD, M. *Experiência Elementar em Psicologia*. Águas Claras, Universia, 2012

MAINARTE, M.A.C., GODOY, S.R. e BONADIO, I.C. Gravidez na adolescência em periódicos de enfermagem, ginecologia e obstetrícia entre 1997-2001. In SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2005. [www.proceedings.scielo.br/sicelo.php](http://www.proceedings.scielo.br/sicelo.php)

MALVASI, P. A. ONGs, vulnerabilidade juvenil e reconhecimento cultural: eficácia simbólica e dilemas. *Interface (Botucatu)*, vol.12, n.26, p. 605-617, 2008. Disponível em:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832008000300012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 out. 2012

MANNA, R. E. *O imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo psicanalítico*. 2013. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

MARTINS, C. B. de G. Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores de risco e de proteção. *Revista brasileira enfermagem* [online], vol.66, n.4, pp. 578-584, 2013. Available from:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0034-7167. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000400017>.

MARTINS, P. C. R.,; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A. Dificuldades sexuais masculinas e Imaginário Coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, v. 31, n. 2, p. 18-35, 2009

MARTINS, P.C.R.; AIELLO- VAISBERG,T.M.J. "Será que ele é?" Imaginário coletivo sobre homossexualidade. *Perspectiva (Erexim)*, v.33, p.43-52, 2010

MEDEIROS, C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Acordes do sofrimento humano. *Contextos Clínicos* [online]. v.3, n.2, p. 97-105, 2010 Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200003&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1983-3482.

MENCARELLI, V. L. *Em defesa de uma Clínica Psicanalítica Não Convencional: Oficinas de Velas Ornamentais com Pacientes Soropositivos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003.

MENCARELLI, V. L. *Compaixão na Contratransferencia: Cuidado emocional a jovens HIV+(s)*. 2010. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

MONTEZI, A. V.; BARCELOS, T. F.; AMBRÓSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Linha de passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-88, 2013.

MONTEZI, A. V.; ZIA, K. P.; TACHIBANA, M.; AIELLO VAISBERG, T. M. J. O imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n.2, p. 299-305, 2011

MOREIRA, M. R.; CRUZ NETO, O.; SUCENA, L. F. M. Um olhar sobre condições de vida: mortalidade de crianças e adolescentes residentes em Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online], vol.19, n.1, p. 161-173, 2003. [citado 2014-02-05]

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

PONTES, M.L.S.; CABREIRA, J.C.; FERREIRA, M.C.;AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 3, p. 495-502, 2008

RUSSO, R.C.,T.; COUTO, T. H. A. M.;AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Imaginário Coletivo de Estudantes de Educação Física sobre Pessoas com Deficiência. *Psicologia e Sociedade*, v. 21, n. 2, p. 250-255,2009

SANTOS, M. A.; PRATTA, E. M. M. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo Psicanalítico (Rio de Janeiro)*, v. 44, n.1, p.167-182, 2012

SCALON, C.; SALATA, A. Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. *Soc. estado*. [online], vol.27, n.2, p. 387-407, 2012

SOUZA, N. A. de. *Um abraço, um beijo e um aperto de mão*. São Paulo: MG, 1986.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. Idealização e onipotência na juventude contemporânea: a drogadicção como ilustração. *Fractal, Revista de Psicologia*, v. 24, n. 2, p. 353-366, 2012

SPEECE, M.; BRENT, S. Children's understanding of death: A review of three components of a death concept. *ChildDevelopment*, v. 55, p. 1671-1686,1984

NUNENS, E. L. G.; ANDRADE, A. G. Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, SP. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 45-54, 2009.

NUNES, D. C.; CARRARO, L.; JOU, G. I.De; SPERB, T. M. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online], vol.11, n.3, p. 579-590, 1998 [cited 2014-02-06].



OLIVEIRA, I. C. V.; SALDANHA, A. A. W. Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 20 n. 45, p. 47-55, 2010.

PARKER, I. *Qualitative Psychology: Introducing Radical Research*. 2005

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

PINHEIRO, L. R. Formação de educadores e contexto de trabalho: contribuições da investigação-ação às práticas educativas-assistenciais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, n. 2, ago. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022007000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 out. 2012.

**POLITZER, G. *A crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba, Unimep, 1928/1994, 194p.**

**PONTES, M. L. S. "A hora H": O imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência. 2011. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.**

PONTES, M. L. da S.; BARCELOS, T. F.; Tachibana, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. . "Cabeça nas nuvens": o adolescente no imaginário coletivo de professores. In: *XVIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO FLAPAG E X SIMPÓSIO CEFAS*, 2009, Campinas. ANAIS Federação Latino-Americana de Associações de Psicanálise de Grupos FLAPAG, p. 364-364, 2009.

**PONTES, M. L. S.; BARCELOS, T. F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v.12, n.1, p. 85-96, 2010.**

RENAULT, E. *L'Expérience de l'injustice. Reconnaissance et clinique de l'injustice*. Paris, La Découverte, Kindle, 2013. RENAULT, E. *Souffrances sociales. Sociologie, psychologie et politique*. Paris, La Découverte, 2004/2008.

RESENDE, T. F. Crianças e informação: papéis da família e da escola. *Educação & Realidade*, v. 31, n. 2, p. 171-188, 2006.

RODRIGUEZ, C. F.; KOVACS, M. J. O que os jovens têm a dizer sobre as altas taxas de mortalidade na adolescência? *Imaginario*, São Paulo, v. 11, n. 11, dez., p. 111-136, 2005.

Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-666X2005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 dez. 2013.

ROZIN, L.; ZAGONEL, I. P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. *Acta paulista de enfermagem*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 314-318, 2012.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002012000200025&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000200025&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000200025>.

SA, D. G. F. de ; BORDIN, I. A. S. ; MARTIN, D. ; PAULA, C. S. Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.26, n.4, dez., p. 643-652, 2010.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000400008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000400008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 18 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000400008>.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 33-41, 2005.

SAMPAIO FILHO, F. J. L.; SOUSA, P. R. M. De; VIEIRA, N. F. C.; NÓBREGA, M. de F. B.; GUBERT, F. do A.; PINHEIRO, P. N. da C. Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 31, n. 3, set., p. 508-514, 2010.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472010000300014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000300014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472010000300014>.

**SILVA, M. E. L. da. Pensar em psicanálise. In: \_\_\_\_\_ (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p. 11-25.**

**SIMON, R. Pesquisa combinando técnicas projetivas e psicanálise. In: SILVA, M. E. L. da (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p.159-171**

SOUZA, J. G. S., MENANDRO, M. C. S., BERTOLLO, M. e ROLKE, R. K. Oficina de Orientação Profissional em uma escola pública: Uma Abordagem Psicossocial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 29, n. 2, p. 416-427, 2009.

TARDIVO, L. S. de L. C. *O Adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje*. São Paulo: Vetor, 2007. 171p.

TAKIUTI, A.D. Autocuidado: Adolescentes, os aprendizes da esperança. Coordenadoria do planejamento em Saúde do Adolescente, São Paulo. *Adolescência e Saúde*, 3, p. 535-539, 2008

TRINCA, W. *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.

VERMELHO, L. L.; JORGE, M. H. P. de M. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (A transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, v.30, n.4, p.319-331, 1996.

VITÓRIA, P. P.; SILVA, S. A. e VRIÉS, H. Avaliação longitudinal de programa de prevenção de tabagismo para adolescentes. *Revista Saúde Pública*, v. 45, n. 2, p. 344-354, 2011.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil. 1ª edição.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1941/2000.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_ *O Brincar e a Realidade*. Trad. José O. de A. Abreu e VanedeNober. Rio de Janeiro: Imago, 1953/1975. p.13-44 .

WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens. In: \_\_\_\_\_ *O Brincar e a Realidade*. Trad. José O. de A. Abreu e VanedeNober. Rio de Janeiro: Imago, 1964/1975. p.95-120 .

WINNICOTT, D. W. A criança e seu mundo. Trad. Alvares Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/1975

WINNICOTT, D. W. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: \_\_\_\_\_ *O Brincar e a Realidade*. Trad. José O. de A. Abreu e VanedeNober. Rio de Janeiro: Imago, 1968/1975. p. 187-203.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso. In: WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artmed, 1963/1989

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. *Natureza Humana*. Trad. Bogomoletz, D. Rio de Janeiro, Imago, 1988/1990

WINNICOTT, D.W. O jogo do rabisco. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. e DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Trad. J.O. de. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1968.

WINNICOTT, D.W. *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Trad. Joseti M. X. Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1984.

WINNICOTT, D.W. *Privação e delinquência*. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987/2005.

YAZIGI, L. et al. Rorschach and the WAIS-III after one and two years of psychotherapy. *Psicologia Reflexão e Crítica*, vol. 24, n.1, 2011, p. 10-18 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722011000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 Out. 2012.

ZINI, L. R. *Acolhimento como prática psicológica no contexto de um centro de atenção psicossocial em álcool e drogas*. **201e. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.**

## **ANEXOS**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este termo diz respeito ao consentimento de duas partes envolvidas em um processo de pesquisa científica. De um lado, há a Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, professora de regime de 40 horas semanais na PUC-Campinas, realizando a pesquisa intitulada "O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ADOLESCENTES DE FAVELA SOBRE O FUTURO", sendo que esse faz parte de um conjunto de projetos que compõe o projeto temático "POTENCIALIDADE MUTATIVA DE ENQUADRES DIFERENCIADOS NA SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS CONTRA ADOLESCENTES". De outro, há os adolescentes que participam de projetos oferecidos na ONG Projeto Anhumas, representando os participantes deste estudo.

Trata-se de uma investigação sobre a condição afetivo-emocional de adolescentes brasileiros, que vivem em situação de precariedade social, prezando o cuidado com o sofrimento emocional. A pesquisa em si será realizada por meio de entrevista grupal, durante a qual o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, será utilizado. Os jovens serão solicitados a realizar, individualmente, em uma folha sulfite, desenhos temáticos e escrita de histórias. Serão convidados a desenhar "um adolescente dos dias de hoje" e, a seguir "um adolescente dos dias de hoje daqui a dez anos", bem como a inventar e escrever histórias sobre as figuras desenhadas no verso da folha. Após a realização dos desenhos-estórias, os participantes serão convidados a discutir a respeito do tema e da experiência vivida. A análise dos desenhos-estórias será feita de acordo com o método interpretativo psicanalítico.

Vale ressaltar que este tipo de investigação tanto permite a produção de conhecimentos sobre os adolescentes, como traz subsídios que podem orientar práticas clínicas de caráter preventivo. Os participantes, cuja identidade permanece em sigilo, têm riscos mínimos, podendo ser inclusive beneficiados de forma direta e imediata na medida em que o próprio processo de coleta consiste numa forma de atendimento psicológico que será levada a cabo por pesquisador que é também profissional competente.

A participação é totalmente voluntária, podendo o participante se recusar a participar ou retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem penalização ou prejuízo, assim como impedir a inclusão do desenho ou da

história elaborada na pesquisa. Cabe lembrar que esse termo se dá em duas vias, ficando uma com o participante e outra com a pesquisadora.

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, declaro estar ciente dos métodos desta pesquisa, assim como declaro minha participação voluntária nela, autorizando a inclusão de meu desenho-estória no "corpus" da investigação, respeitadas as condições de sigilo, privacidade, nos termos descritos. Estou ciente de que poderei retirar-me da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus para a minha pessoa.

Assinatura do(a) Participante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Em caso de queixas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa no qual o projeto desta pesquisa foi avaliado: PUC-CAMPINAS, Rodovia Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas – SP. CEP 13086-900 - Telefone (019) 3343-6777. Informações adicionais a respeito da pesquisa poderão ser solicitadas diretamente com a pesquisadora responsável, através do e-mail [aiello.vaisberg@gmail.com](mailto:aiello.vaisberg@gmail.com).

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este termo diz respeito ao consentimento de duas partes envolvidas em um processo de pesquisa científica. De um lado, há a Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, professora de regime de 40 horas semanais na PUC-Campinas, realizando a pesquisa intitulada "O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ADOLESCENTES DE FAVELA SOBRE O FUTURO", sendo que esse faz parte de um conjunto de projetos que compõe o projeto temático "POTENCIALIDADE MUTATIVA DE ENQUADRES DIFERENCIADOS NA SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS CONTRA ADOLESCENTES". De outro, há os pais dos adolescentes que participam



de projetos oferecidos na ONG Projeto Anhumas, representando os participantes deste estudo.

Trata-se de uma investigação sobre a condição afetivo-emocional de adolescentes brasileiros, que vivem em situação de precariedade social, focalizando sua experiência emocional, prezando o cuidado com o sofrimento emocional. A pesquisa em si será realizada por meio de entrevista grupal, durante a qual o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, será utilizado. Os jovens serão solicitados a realizar, individualmente, em uma folha sulfite, desenhos temáticos e escrita de histórias. Serão convidados a desenhar “um adolescente dos dias de hoje” e, a seguir “um adolescente dos dias de hoje daqui a dez anos”, bem como a inventar e escrever histórias sobre as figuras desenhadas no verso da folha. Após a realização dos desenhos-estórias, os participantes serão convidados a discutir a respeito do tema e da experiência vivida. A análise dos desenhos-estórias será feita de acordo com o método interpretativo psicanalítico.

Vale ressaltar que este tipo de investigação tanto permite a produção de conhecimentos sobre os adolescentes, como traz subsídios que podem orientar práticas clínicas de caráter preventivo. Os participantes, cuja identidade permanece em sigilo, têm riscos mínimos, podendo ser inclusive beneficiados de forma direta e imediata na medida em que o próprio processo de coleta consiste numa forma de atendimento psicológico que será levada a cabo por pesquisador que é também profissional competente.

A participação é totalmente voluntária, podendo o participante se recusar a participar ou retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem penalização ou prejuízo, assim como impedir a inclusão do desenho ou da história elaborada na pesquisa. Cabe lembrar que esse termo se dá em duas vias, ficando uma com o participante e outra com a pesquisadora.

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, declaro estar ciente dos métodos desta pesquisa, assim como declaro minha participação voluntária nela, autorizando a inclusão de meu desenho-estória no "corpus" da investigação, respeitadas as condições de sigilo, privacidade, nos termos descritos. Estou ciente de que poderei retirar-me da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus para a minha pessoa.

Assinatura do(a) Participante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Em caso de queixas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa no qual o projeto desta pesquisa foi avaliado: PUC-CAMPINAS, Rodovia Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas – SP. CEP 13086-900 - Telefone (019) 3343-6777. Informações adicionais a respeito da pesquisa poderão ser solicitadas diretamente com a pesquisadora responsável, através do e-mail [aiello.vaisberg@gmail.com](mailto:aiello.vaisberg@gmail.com).